COLEÇÃO

PATRIMÔNIO PARA JOVENS

EM BUSCA DA Planaltina PERDIDA



IPHAN





Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Cultura

Margareth Menezes da Purificação Costa

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente

Leandro Antônio Grass Peixoto

Diretores do Iphan

Adriana Fátima Bortoli Araújo

Andrey Rosenthal Schlee

Deyvesson Israel Alves Gusmão

Márcia de Figueiredo Lucena Lira

Daniel Borges Sombra

Superintendente do Iphan no Distrito Federal

Thiago Pereira Perpétuo

Departamento de Articulação, Fomento e Educação

Márcia de Figueiredo Lucena Lira

Coordenação-Geral de Fomento e Economia do Patrimônio

Clara Marques Campos

Divisão de Editoração e Publicações do Patrimônio

Luciana Jobim Navarro

Governador do Distrito Federal

Ibaneis Rocha Barros Junior

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Hélvia Miridan Paranaguá Fraga

Subsecretaria de Educação Inclusiva e Integral

Vera Lucia Ribeiro de Barros

Gerência de Educação Ambiental, Patrimonial, Língua Estrangeira e Arte-Educação

Rosana de Araújo Correia

EM BUSCA DA Planaltina PERDIDA

Texto e organização
Vinicius Prado Januzzi
Ana Carolina Lessa Dantas

Coleção Patrimônio para jovens · Terceiro volume

Brasília
Iphan
2025

Em busca da Planaltina perdida

Texto e organização

Vinicius Prado Januzzi

Ana Carolina Lessa Dantas

Revisão técnica e textual

Vinicius Prado Januzzi

Ana Carolina Lessa Dantas

Samara Korb

Vanessa Nascimento Freitas

Juliana Rocha

Wélcio de Toledo

Líbia Rany O. Nascimento

Projeto gráfico e diagramação

Iasmim "Kali" Oliveira Conde

Capa e direção de arte

Iasmim "Kali" Oliveira Conde

Ilustrações

Estúdio Grená

Iasmim "Kali" Oliveira Conde

Ruth Sousa de Almeida

Diego de Sousa Tavera Silva

Revisão de diagramação

Érica Cristina Ferreira dos Santos

rnld Nogueira

Instituto do Patrimônio Histórico e artístico nacional

www.iphan.gov.br

publicacoes@iphan.gov.br

iphan-df@iphan.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

J35b

Januzzi, Vinicius Prado.

Em busca da Planaltina perdida / Vinicius Prado Januzzi e Ana Carolina Lessa Dantas. – Brasília : Iphan, 2025.

99 p. ; il. color. – (Patrimônio para jovens ; v. 3)

Modo de acesso: https://www.gov.br/iphan/pt-br

ISBN: 978-85-7334-458-5 – série

ISBN: 978-85-7334-456-1 – v. 3

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Educação patrimonial. 3. Brasília. I. Dantas, Ana Carolina Lessa. II. Título. III. Série.

CDD 028.5

Elaborado por Odilé Viana de Souza – CRB-1/2120





Apresentação

É com muita alegria que a Superintendência do Iphan no Distrito Federal apresenta **Em busca da Planaltina perdida**, terceiro volume da Coleção Patrimônio para Jovens, cujo propósito é oferecer conteúdos do DF sobre o patrimônio cultural com foco no público infantojuvenil. Cidade que antecede à própria formação de Brasília como nova capital brasileira, Planaltina é muito mais, é território de múltiplas referências culturais: casarões, igrejas, praças, parques, festas, romarias, cânticos, cores, cheiros e texturas.

Diferentemente de todas as outras cidades que estão no nosso querido quadradinho, Planaltina reúne muitos tempos num só lugar; o país oitocentista da mineração e da agricultura de pequena escala, a nação em interiorização de sua estrutura política, o Brasil que se pretende mais diverso, mais acolhedor e mais aberto às diferenças que nos formam como povo. São essas as muitas cidades que surgem na obra, na companhia de Mateus e Joaquina, nossos viajantes do tempo que, em sua jornada, descobrem as muitas maravilhas de seu lugar e também aquilo que não querem que aconteça a ele. Caminhando por cá e acolá, como diria Joaquina, ambos se descobrem protagonistas de sua própria história, como partes que somos de um coletivo, na busca por proteger e preservar Planaltina.

Coletividade, a propósito, é uma marca desse livro. Organizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, a versão final que vocês têm agora em mãos somente se tornou possível com a participação

direta, entre 2021 e 2024, de muitas instituições: as Escolas Classe 01, 03 e 10, o Centro Educacional Stella dos Cherubins, os Centros de Ensino Fundamental 02 e 03, a Escola Classe Mestre das Armas, o Complexo Cultural, a Coordenação Regional de Ensino e a Associação de Amigos do Centro Histórico, todos de Planaltina. Foram elas que articularam a formação de uma rede de mais de 100 pessoas, crianças, jovens, adultos e idosos, todos e todas igualmente participantes de cada uma das etapas de produção da obra, num processo de muitas idas e vindas de construção do inventário participativo de Planaltina.

Idealizada como um modo de promover a democratização de conhecimentos associados ao patrimônio cultural, a ferramenta dos inventários participativos é de acesso público e completamente livre a qualquer cidadão brasileiro. Com ela, é possível, sob diferentes formas, registrar, catalogar, sistematizar e dar publicidade às muitas referências culturais que compõem comunidades e territórios de todo o país. É ela o pilar teórico e metodológico dessa Coleção, com o qual pretendemos, ano após ano, percorrer todo o Distrito Federal em busca dos muitos valores, lugares, pessoas e eventos que nos fazem ao mesmo tempo diferentes e um só.

A experiência participativa de uma obra como **Em busca da Planaltina perdida** não se encerra com sua publicação. Falar e pensar o patrimônio cultural são verbos de uma transformação cidadã, cujo objetivo primordial é a apropriação social do território, com o resgate de memórias perdidas, esquecidas ou invisibilizadas e com a imaginação de futuros plurais. Temos certeza que isso já vem acontecendo desde o começo desse processo e continuará a ocorrer depois da leitura de cada umas das páginas deste livro.

Aproveitem a experiência. Uma excelente leitura!

Thiago Pereira Perpétuo
Superintendente do Iphan no DF





Apresentação

Com imensa alegria apresentamos para vocês, estudantes e docentes, as aventuras de Mateus e Joaquina na sua jornada **Em busca da Planaltina Perdida**. Esse livro faz parte da coleção Patrimônio para Jovens, idealizada e realizada pela parceria entre esta SEEDF e a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-DF).

Narrada em forma de ficção infanto juvenil, a história apresentada no livro pretende levar o leitor a uma viagem por Planaltina, partindo de seu tempo presente em direção ao passado e também a um futuro imaginado com base na relação do ser humano com a sua história, sua memória e seu patrimônio, tanto o material como o imaterial. **Em busca da Planaltina perdida**, parte de um título de livro clássico da literatura universal (Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust), para, num tom de ficção científica juvenil, direcionar o olhar do leitor para temas de suma relevância na Educação Patrimonial desta Secretaria de Estado de Educação, como Patrimônio Cultural material e imaterial, identidade, pertencimento, memória, entre outros, numa linguagem leve, fluida, com bela trama, o que prende a atenção do leitor do início ao fim do livro.

Cabe ressaltar que toda a história foi criada com a participação de estudantes e comunidade de Planaltina, que participaram de oficinas para ajudar na construção dos personagens e também do inventário participativo, ferramenta de pesquisa fundamental para a sistematização e divulgação das referências culturais sob a perspectiva da comunidade local.

Planaltina, Região Administrativa inaugurada cem anos antes da própria Brasília, merece ser conhecida por estudantes de toda rede de ensino e esse livro é uma forma divertida, lúdica e pedagógica de propormos o debate de Educação Patrimonial na perspectiva crítica e participativa, como deve ser o olhar sobre essa temática. Boa leitura!

Profa. Hélvia Miridan Paranaguá Fraga
Secretária de Educação do Distrito Federal

Apresentação

O Instituto BRB, em parceria com a Secretaria de Educação do DF e Iphan, tem o prazer de apresentar aos alunos da rede pública o livro **Em Busca da Planaltina Perdida**.

A ideia é levar crianças, jovens e educadores a uma viagem cheia de descobertas sobre as raízes, histórias e memórias de um dos lugares mais antigos do nosso Distrito Federal. Por meio dos personagens e das tradições da região, o livro aproxima a escola da cultura local — dos saberes e fazeres da comunidade, das festas, dos encontros, dos espaços que contam quem somos.

Mais do que contar uma história, essa obra quer despertar o olhar para algo que está ao nosso redor: o patrimônio cultural. Conhecer e valorizar isso tudo é uma forma de fortalecer os laços com a nossa história e com o lugar onde vivemos.

A gente acredita que a educação patrimonial tem um papel superimportante na formação dos estudantes. Quando aprendem sobre a cultura da própria comunidade, eles criam mais respeito, pertencimento e orgulho das suas origens. A escola, nesse contexto, vira um espaço vivo de descobertas e cuidado com a memória coletiva.

Para o Instituto BRB, a valorização do nosso patrimônio é uma construção conjunta — que envolve cultura, turismo, meio ambiente, educação, saúde e o jeito como a cidade se desenvolve. É com esse trabalho em equipe que conseguimos proteger nossa história e, ao mesmo tempo, inspirar um futuro melhor e mais conectado com nossas raízes.

Porque cuidar do passado é também sonhar com o futuro. E cada um de nós tem um papel nessa história..

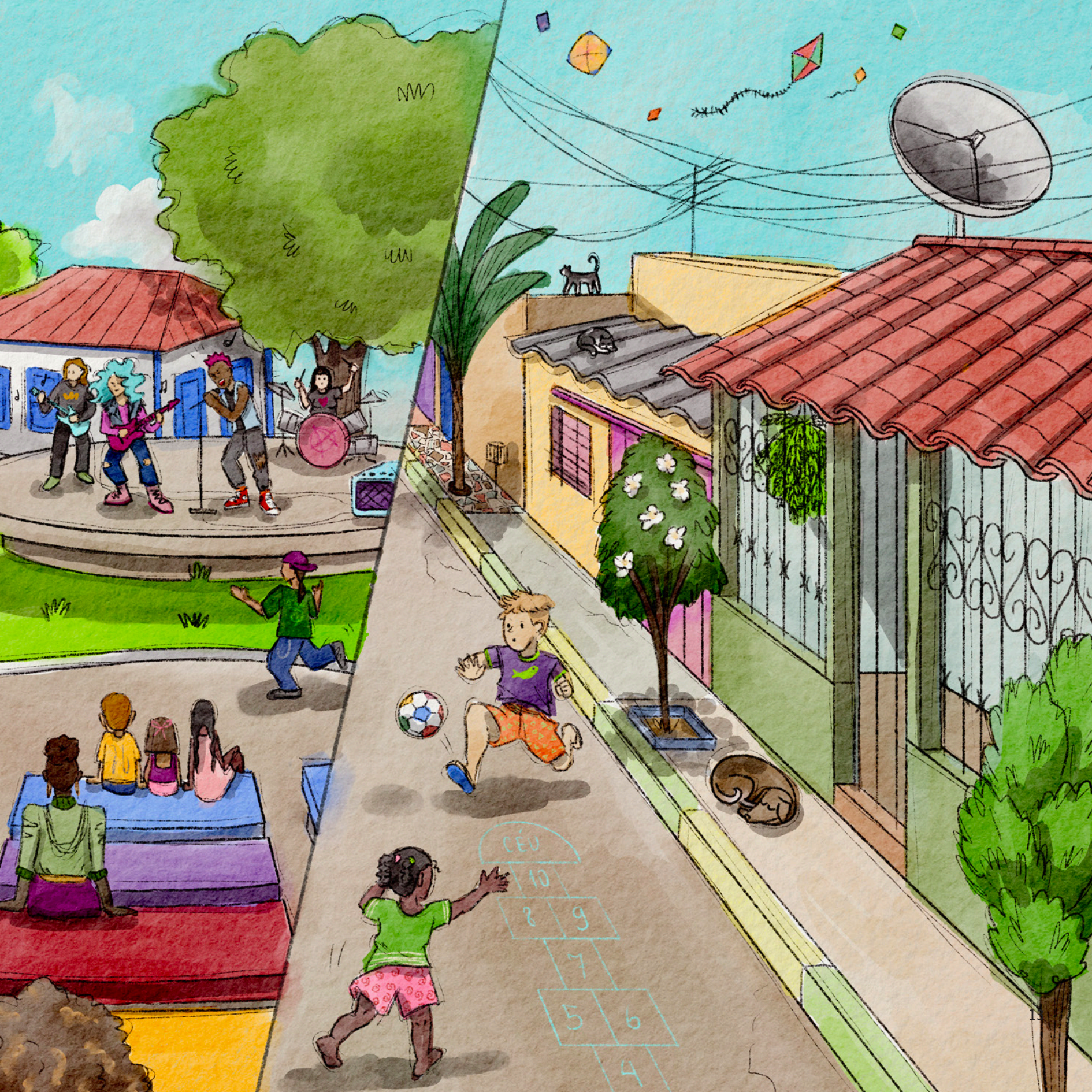
Karina Bruxel

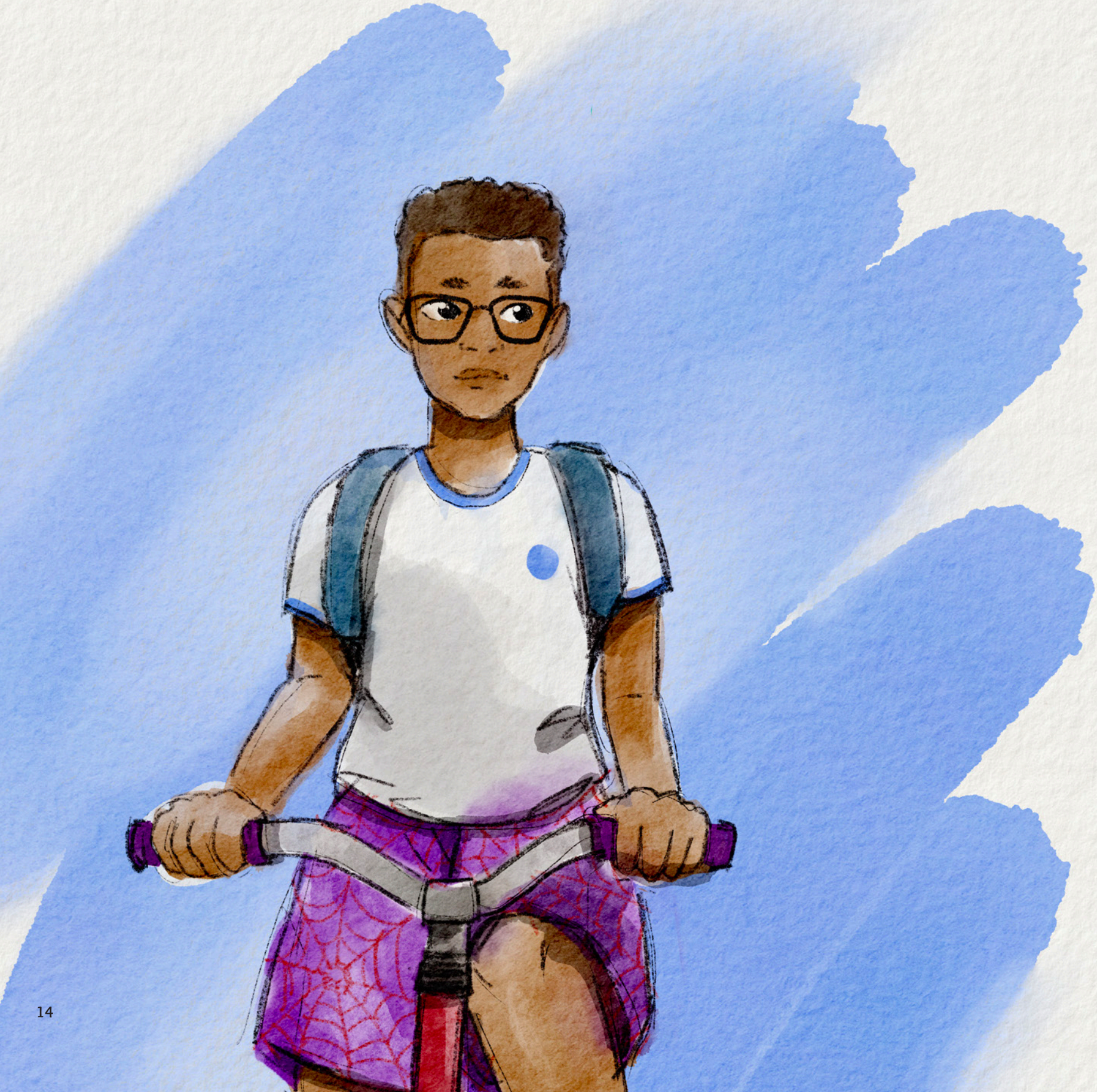
Presidente do Instituto BRB



Mateus conferiu o relógio. Eram 12h34, com certeza chegaria a tempo à escola e ainda sobrariam alguns minutos para ler um pouco antes da primeira aula começar.




CÉU
10
9
7
5
6
4



Os colegas achavam engraçado aquele seu hábito de ficar pra lá e para cá com um gibi de ficção científica, óculos grossos e o cabelinho escovado para trás.

– Aê, lá vai o Clark Kent depois da kriptonita!

Mateus sabia que os outros meninos riam dele, e não com ele, mas tinha decidido parar de se importar – ou era isso que dizia para si mesmo. Não precisava daqueles caras, já tinha a companhia dos seus gibis.

Estava passando da Q61, quase chegando à escola, quando algo chamou sua atenção. Por um instante, deixou de xingar mentalmente seus colegas e apertou os olhos para enxergar melhor: nunca tinha visto aquela figura antes. Chegou a pensar que estava imaginando coisas, que devia ter dormido mal, comido alguma coisa estragada. Aliás, nunca tinha visto nada parecido com aquilo, nem em vídeos de cosplay.

A figura que observava era alta, magra e com cabelos brancos bem curtos. Todo o seu corpo estava coberto por um tecido fino e verde, exceto pela cabeça, onde se via um par de óculos enormes e redondos, bem maiores que os seus. De longe, parecia um inseto gigante... ou talvez uma planta? Tudo, menos um ser humano.

Olhou para a direita, para a esquerda, procurando saber se alguém mais estranhara aquilo. Ninguém parecia estar nem aí. “Não pode ser, devo estar é doidinho, mesmo”, concluiu, enquanto tirava e colocava seus óculos sem parar, como se isso pudesse mudar o rumo dessa estranha história.



Mas não houve tempo para pensar no que fazer. Tão rápida como surgira, a figura sumiu numa esquina, e Mateus se viu pedalando atrás dela, mochila às costas, desviando-se do caminho para a escola. Cruzou as ruas sem prestar atenção em mais nada; por pouco, não bateu em um poste, atropelou um vira-lata caramelo e se estatelou nas ruínas do casarão da Dona Negrinha.





Como que por mágica, chegou inteiro à Praça São Sebastião, onde a pessoa-inseto-planta – ele não sabia bem como defini-la – estava de frente para a Igrejinha. Mateus foi se esgueirando lentamente até a "coisa", procurando quaisquer sinais que pudessem identificá-la, colocando cada um dos seus neurônios para funcionar. Já estava bem próximo quando ela se virou para ele e abriu a boca com um grito curto e agudo. O susto foi tão grande que ele quase tombou para trás.

Tudo que viu em seguida foi a criatura sair correndo no sentido oposto ao da entrada da igreja. Mal pensou em segui-la, o chão onde pisava sumiu.

Então, aconteceu.





A sensação de tontura o deixou atordoado por alguns instantes. Quando finalmente conseguiu abrir os olhos, Mateus se viu cercado de mato por todos os lados. Até onde sua vista alcançava, tudo eram árvores, arbustos e cupinzeiros. Como raios ele tinha ido parar ali? Que lugar era aquele? E onde estava aquela figura estranha?

Beliscou o braço três, quatro, cinco vezes. Levantou-se do chão com dificuldade. Suas pernas tremiam, talvez pela brisa fresca que passava por ali... ou pelo medo. Mexeu em seus bolsos para ver se encon-





trava seu celular. Desbloqueou o aparelho e só viu a antena sem nenhum pontinho ao lado. Aquilo tudo estava parecendo mais real do que gostaria.

Ainda desnorteado, começou a caminhar, tentando reconhecer os sons que ouvia: passarinhos cantando, calangos se movendo nas folhagens, água correndo... Sinal de que poderia estar perto de um rio!

Na esperança de encontrar o curso d'água, apressou o passo. Olhava para o chão, receoso de que pudesse cruzar com uma cobra, até que trombou em algo...



– AAAAAAAAAAAAAAAAA! – A menina berrou, meio surpresa, meio furiosa. – Eu tinha acabado de encher esse balde! Olha por anda, ô, menino! – emendou. Joaquina ajeitava sua saia, agora encharcada e um pouco suja de barro.



A cena era incomum. De um lado, Joaquina, uma menina de cabelos longos, olhos castanhos e roupas de algodão que lhe cobriam dos ombros às canelas. Do outro, o assustado Mateus, com os olhos esbugalhados, os óculos molhados, ainda um tanto quanto tonto depois da trombada que dera com a menina estranha que agora estava parada perto do rio, gesticulando o dedo indicador vigorosamente.

– Quem é você, hein? E o que você está fazendo aqui? – Ela falou. – Aaah, já sei, deve ser o novo vizinho, querendo me fazer de boba. Pois eu vou, vou agorinha lá para sua casa e dizer para o seu pai o que você fez. Você vai ver, ele vai te dar uma bronca daquelas!

Vizinho? Pai? Bronca? Mateus só queria acordar desse sonho maluco.

– Eu não fiz nada, moça... eu estava... Então ouvi o barulho do rio e fui vindo, fui vindo, até que...

– Deu um pontapé no balde, né? – Vociferou Joaquina. – Veio vindo, veio vindo e PUF, do nada, assim? Tá inventando história, por quê, hein?

– Não sei como explicar, eu acho... acho que estou meio perdido.

Mateus queria esconder, mas não podia, seus olhos estavam arregalados e denunciavam o pavor que estava sentindo no momento. Por mais que disfarçasse, tinha deixado escapar algumas lágrimas. Quando corria de novo, para fugir, escutou:

– Pare onde está, menino! Precisa mais correr, não. Eu reconheço quando alguém está se borrando nas calças de medo. O balde, eu posso encher de novo, afinal, o rio estará sempre aqui, não é? !

A menina gargalhava. Mateus continuava encabulado. Podia respirar aliviado. Não ia tomar uma bronca de quem quer que fosse, pelo menos por ora. Continuava, no entanto, com uma dúvida martelando na cabeça: como foi parar ali? E, pior, onde é que era "ali"?

– Mestre d'Armas, é onde nós estamos – Respondeu ela, diante de seu olhar inquiridor e de sua dúvida, enquanto voltava a encher o balde no rio. – Então, você não é daqui? Estava mesmo achando essas suas roupas esquisitas.

– Calma, eu conheço esse nome! Mestre d'Armas, você disse? Esse era o nome da minha cidade, Planaltina, um tempão atrás.

– Planal... o quê? Do que você está falando?

Mateus, mais uma vez, imaginou estar delirando. Seria possível? Fez mais uma pergunta, ao mesmo tempo ansioso e amedrontado pela resposta que viria.

– Como assim!? Em qual ano estamos? Em 1842, ué. Qual mais poderia ser? – Afirmou Joaquina, categórica.

Dez minutos depois de terminar de contar tudo que tinha lhe acontecido, a menina seguia parada à sua frente, encarando-o com os olhos cerrados e as sobrancelhas franzidas. Era óbvio que Joaquina não iria acreditar na sua história, Mateus pensou.

– Então, você não é o novo vizinho? Nem um fantasma? – Ela perguntou, finalmente.

– Quê? Não, claro que não! Quer dizer... eu espero sinceramente que não seja um fantasma. – Respondeu Mateus.

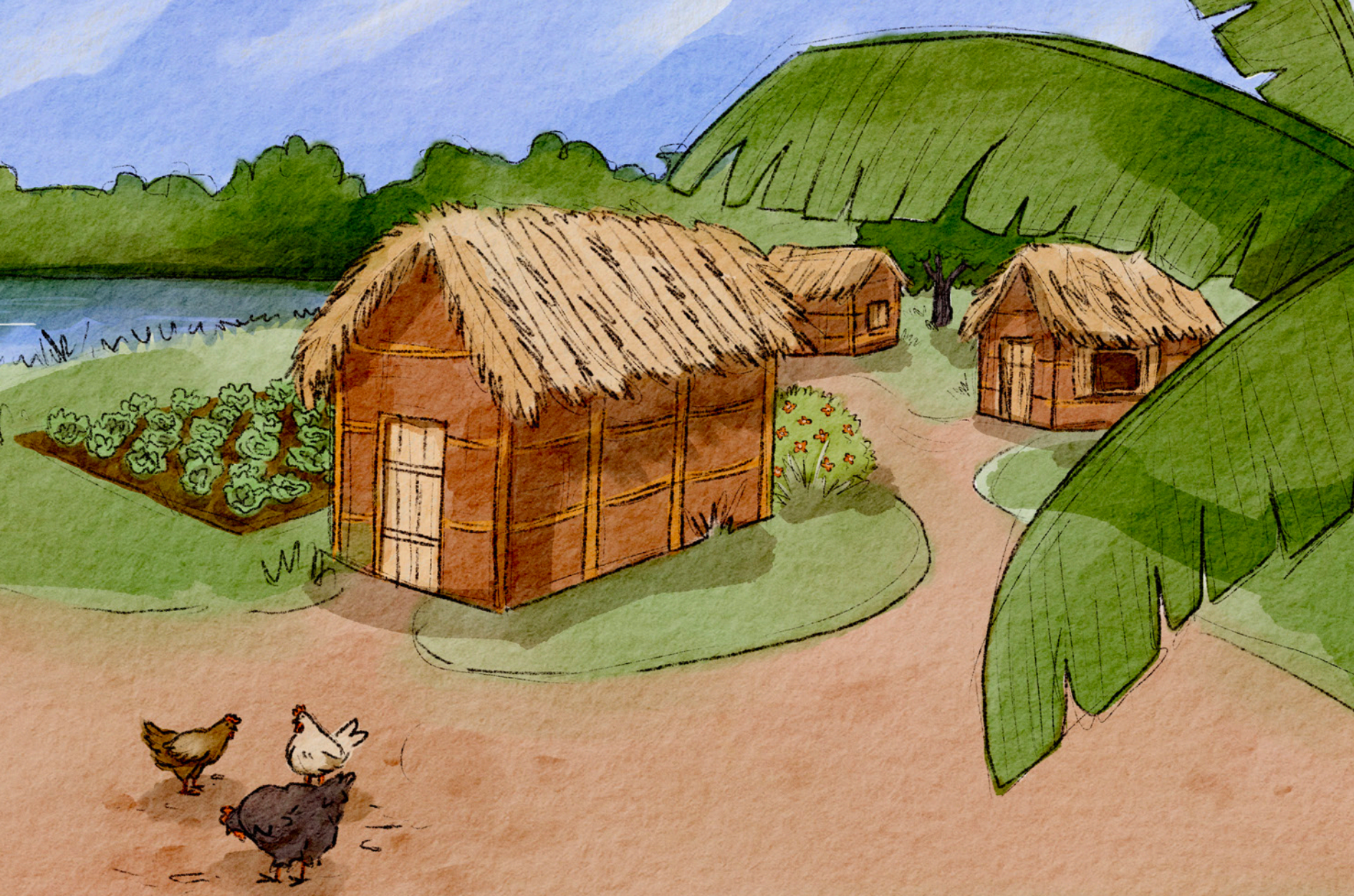
– Nesse caso, podemos ir.

– Ir para onde?

– Procurar esse bicho-planta que você falou, né. A menos que seu plano seja passar o resto da vida me ajudando a pegar água aqui no ribeirão. Antes, precisamos só resolver uma coisinha.







Com seu passo rápido e certeiro, Joaquina foi caminhando rumo ao arraial, com Mateus logo atrás. Entraram em uma casinha pequena, toda de taipa e palha, onde a menina deixou o balde e lhe deu uma camisa antiga, mas limpa.

– Veste isso – Ela disse. – Vão continuar estranhando os sapatos e essa coisa que você carrega nas costas, mas vai ficar um pouco menos esquisito.

Mateus trocou a camisa e guardou a camiseta suja na mochila. Olhou para seu gibi, que nem se lembrava mais de ter consigo, e deu um sorriso tímido. Ia voltar para casa, tinha que voltar.

Joaquina mexeu em alguns armários, tirou uma trouxinha de pano, onde guardou frutos e castanhas. “Cagaita, murici e baru, de fome a gente não vai sofrer, pelo menos”, raciocinou, entregando o pacotinho para Mateus guardar em sua mochila.

– Bem melhor. – Afirmou Joaquina. – Agora, me diz: por onde começamos a procurar?

– Hmm, então aqui é a Igrejinha de São Sebastião! – Disse Mateus, parado diante da capelinha. – Ela cresceu bastante ao longo desses anos, mas até que lembra a do meu tempo.

Fora isso, porém, as coisas não eram tão familiares. A praça em volta da igreja era bem pouco parecida com a que conhecia. Muitas pessoas circulavam pela cidade – ou melhor, pelo arraial – e sempre pareciam chegar homens em cavalos e carroças carregadas. Então, pensou que essas eram as tropas de que ouvia falar na escola, que abasteciam a cidade, levavam sementes, verduras, legumes e animais de um canto para o outro.



– Oh, moça, agora que pensei. Você já assistiu ao desfile de cavalos, aquelas procissões, cavalgadas?

– Eu ouço tudo o que você fala e entendo quase nada. E pode me chamar de Joaquina, é meu nome. E, não, nunca ouvi falar disso daí.

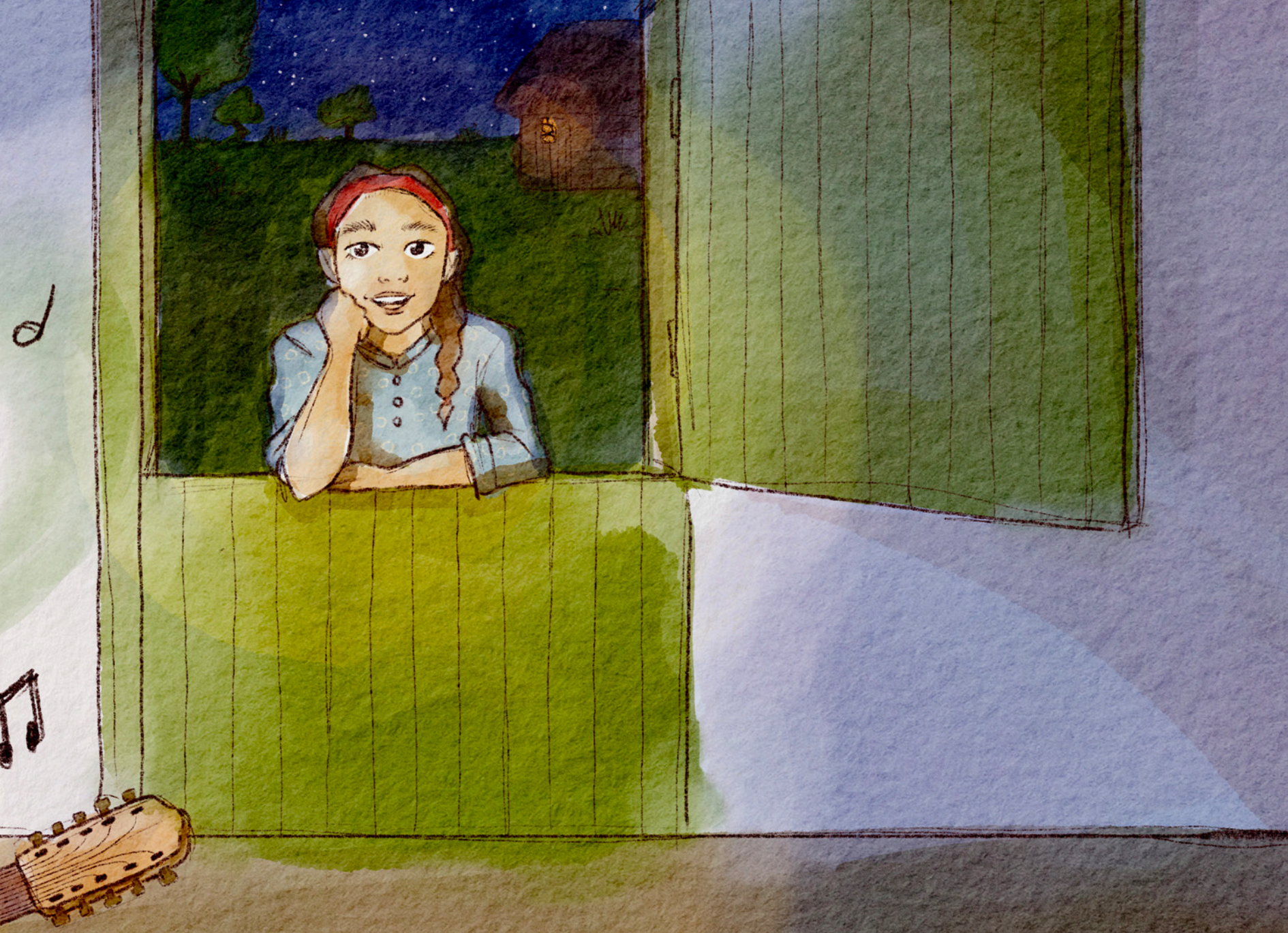
– Ah, acho que você ia gostar... Quando eu vejo esses desfiles, parece que estou viajando no tempo, sabe? Consigo imaginar como eram as coisas no passado e também fico me perguntando o que as pessoas faziam para se divertir, o que elas comiam...

– Não sei se percebeu, Mateus, mas você está viajando no tempo. Fiquei curiosa agora. Desfilar com cavalo para quê? Cavalo é para ir daqui para ali, de cá para acolá, levar, trazer coisas.

– Acolá? Nossa, não escutava essa palavra há uns bons anos. Mas, então – começou a falar, sob olhares desconfiados de Joaquina –, esses desfiles, na minha época, são como uma celebração religiosa para o Divino Espírito Santo. Os cavaleiros chegam à cidade em procissão e são recebidos com uma festança. Tem frutas, carne e, minha comida favorita, pamonha.







– Ah, sim. Festa tem por aqui também. Quando nasce uma criança, quando tem casamento, essas coisas assim, tem festança das grandes nas fazendas, é comida para mais de cem! Às vezes, entro de mansinho nelas para ver as pessoas dançando e para ouvir os violeiros... É lindo demais. Quando estou ali ouvindo, parece que nada mais importa, é como se aquela música fosse lá no fundo do coração. O olho da gente faz brilhar.



Mas, Mateus, a gente tá de muita conversa e pouca procura. Não vi nenhum bicho-planta por aqui, e você?

Mateus e Joaquina atravessaram todo o arraial – que, vá lá, não era tão grande assim. De fato, não havia sinal da criatura, nem na capelinha, nem em lugar algum. Cansados e sem saber o que fazer, voltaram para a beira do ribeirão.

Na margem oposta do rio, outras pessoas buscavam água. Diferente de Joaquina, porém, eram pessoas negras, com trajes surrados e uma expressão cansada. Joaquina não falou nada, mas Mateus entendeu que eram pessoas escravizadas. Sua expressão se transformou, e foi tomado por uma tristeza que parecia acompanhá-lo desde antes de nascer. Joaquina olhava para baixo, com uma expressão perturbada.

– Isso ainda existe no seu tempo? – Ela perguntou baixinho.

Mateus negou em silêncio, com um gesto da cabeça.

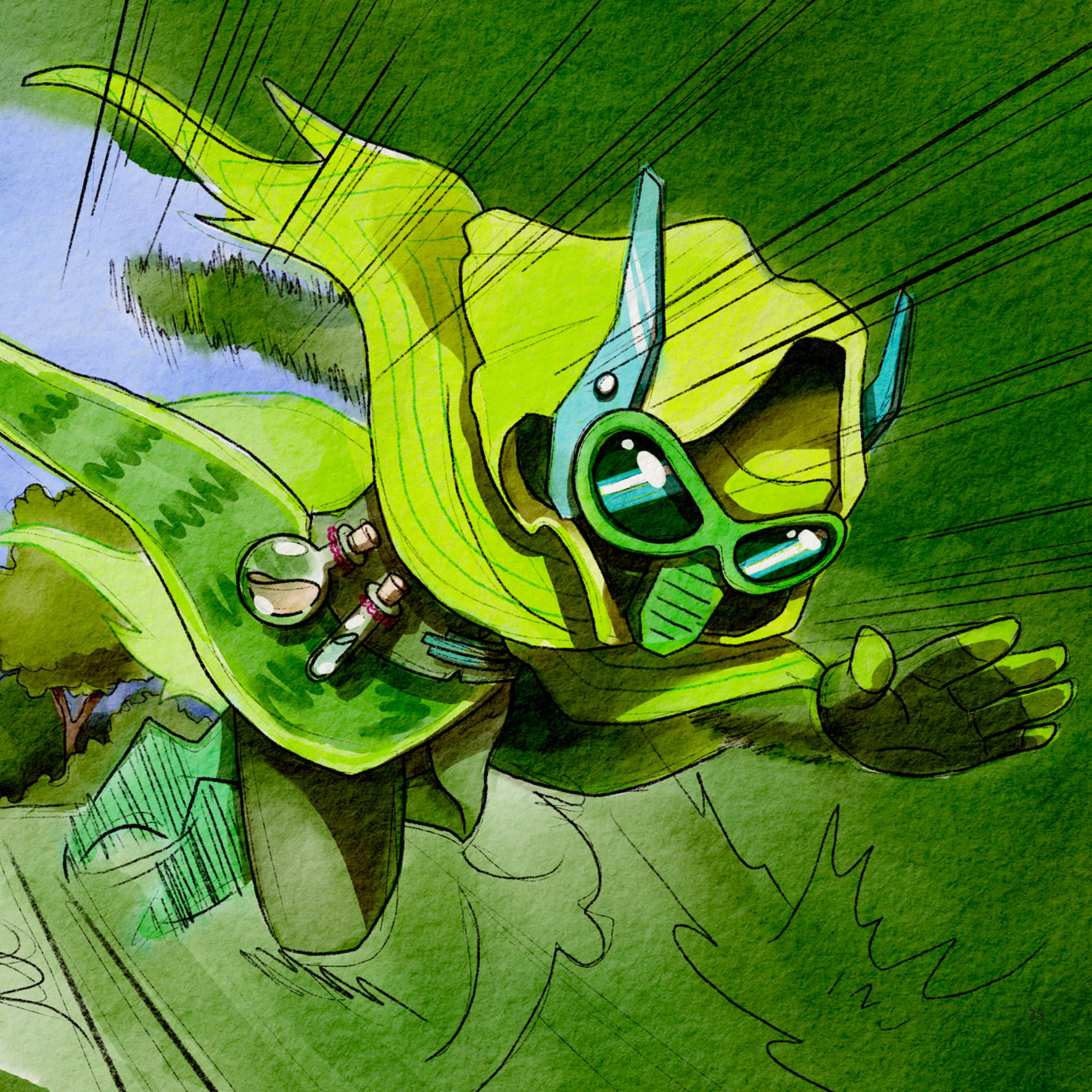
– Deve ser muito bom onde você vive... – Joaquina complementou.



– Nem tanto, – Ele disse – Mas, agora, tudo o que eu queria era voltar.

Não longe dali, alheia a seu desejo, uma pessoa-bicho-planta corria pelo cerrado.





– É ele, não? Ela, eu sei lá, é quem você está procurando, não é? – Questionou Joaquina, que tinha o ouvido apurado para os sons da mata.

Ela ficou sem resposta, porque mal terminara de falar, Mateus estava acelerando mato adentro, desembestado feito cão atrás de carroça. Tentou acompanhar seu passo o máximo que pode, mas só chegou até ele quando o menino estava a centímetros da "coisa". Estava ofegante, suas pernas doíam, tamanho o esforço, quando sentiu que o chão lhe faltava.

Tentou agarrar a mão de Mateus, que a olhava assustado. Achou que fosse desaparecer de uma vez por todas. O que significava isso? É assim que é quando as pessoas morrem?

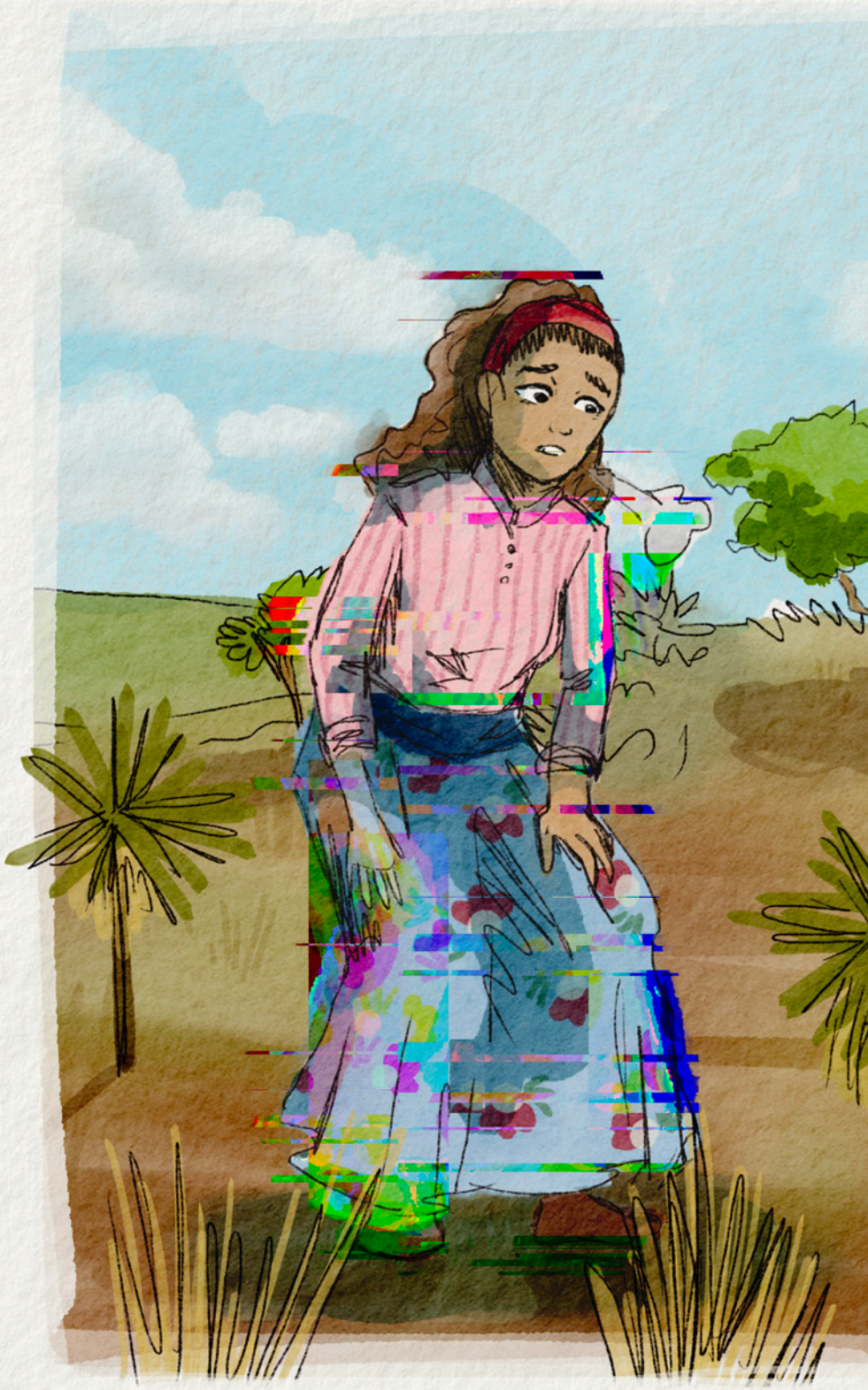
Caiu estatelada no chão. Ao seu lado, Mateus, com dificuldade, tentava se levantar, perna ante perna. Conseguiu se equilibrar aos poucos e o ajudou a ficar em pé.

– O que foi isso? ! – Foi a única coisa que conseguiu dizer.

– "Isso" foi o que me levou até o ribeirão. E acho que aconteceu de novo.

– Alguma ideia de onde estamos? – Perguntou Joaquina.

Mateus se percebeu cercado de muito





barulho. A poucos metros, uma multidão ia caminhando devagar, subindo o morro onde haviam caído. Resolveram acompanhar os passantes, que não paravam de chegar.

– Espera. – Mateus disse, quando já estavam perto de chegar ao topo do morro. – Eu acho que sei onde a gente tá! Olha ali embaixo – Apontou para a paisagem que se delineava ao longe – Aquela mancha onde não tem verde, aquilo ali é Planaltina!

– Mestre d'Armas? – Perguntou Joaquina.

– Isso, a cidade que surgiu a partir de Mestres d'Armas: nossa casa. Se não estou enganado, esse é o Morro da Capelinha, onde acontece a encenação da Paixão de Cristo. Minha avó vem aqui todo ano. O problema é que, se me lembro bem, aqui era cheio de construções que serviam de cenário para a via sacra. A única que vi até agora é aquela pequenininha ali em cima, que parece uma capela.

– Ou seja, ainda não estamos no seu tempo. – Concluiu Joaquina

Mateus deu um suspiro, concordando. Parecia atordoado.

– Não fica assim, vai. Temos que descobrir onde... Aliás, quando estamos. – Joaquina falou, virando-se para o lado da multidão. – Com licença, senhora... – E saiu caminhando.

Logo Joaquina estava de volta, com um sorriso no rosto.

– 1979! Rá, essa foi fácil, hein? Nunca imaginei que o tempo passaria tão rápido.





E olha minha pele, segue como a de um bebê! – Falou, rindo.

– Obrigado, Joaquina. Acho que você é melhor nisso do que eu. A mulher não estranhou suas roupas? – Mateus perguntou.

– Ela perguntou o que eu estava fazendo na plateia e me mandou voltar para a cena. Meio antipática, mas acabou me dizendo o ano. – Riu a menina. – Desfile de cavalo, encenação da Paixão de Cristo... vocês do futuro foram inventando umas coisas engraçadas.

– Isso que eu nem te falei da Festa do Divino. Para mim, todas essas coisas vinham justamente do passado, estavam aí desde sempre. Talvez, seja mesmo uma mistura dos dois, algo que fizeram uma, duas vezes, e foi ficando. Uma coisa que inventaram que ficou, né? Uma invenção que virou tradição!

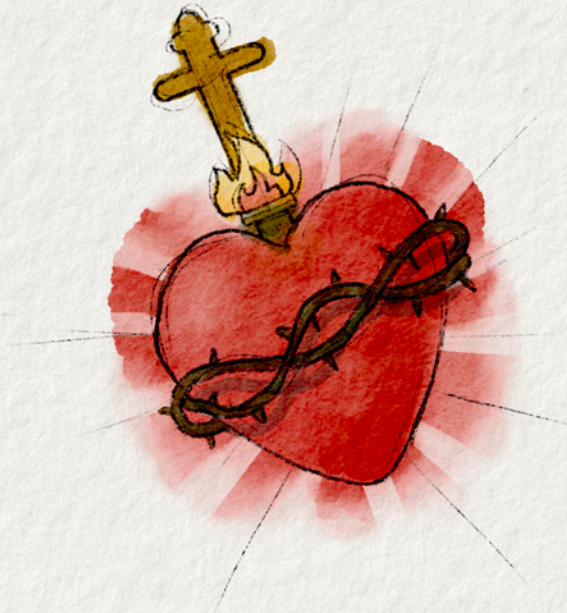
– Hum, pelo jeito, você sabe mesmo de tudo, né? E parece todo acanhado, quem vê, pensa!

Mateus tentou, mas seu jeito encabulado mostrou que não recebia muitos elogios, porque curvou os ombros para dentro, e disse rapidamente:

– Ah, sim... e agora, para onde vamos?

– Você é quem tem que me dizer! A terra que eu conheço não dava metade desta aqui onde a gente está. Vamos parar para pensar um pouco, minha mãe diz que cabeça vazia não é coisa boa.

Foi só aí que Joaquina se deu conta de que nessa "terra" em que estavam, estava bem longe de sua mãe. "Ai,





nossa senhora, e se ela perceber que não estou no ribeirão? Vai me olhar de rabo de olho, daquele jeito que eu detesto", pensou.

– Mudei de ideia, Mateus. Vamos logo, não podemos perder tempo. Imagina se escurece, aí vamos encontrar só vagalume e vela acesa.

– Ei, repete essa última parte. – Disse Mateus.

– Sobre não perder tempo?

– Não, essa do dia escurecer.

– E que tem uma coisa a ver com a outra?

Mateus ouviu as palavras de Joaquina e se lembrou daquele dia, nítido como se fosse agora... Ele e o avô haviam decidido um dia se aventurar pela cidade, indo parar logo em uma estrada de terra, que terminava numa clareira, com um monumento ao centro. De lá, podiam ver boa parte de Planaltina. Era finzinho de tarde, as cigarras estavam naquela cantoria, os vagalumes brilhavam, piscavam, acendiam e, ali no meio, estava ela.

– Temos que ir à Pedra Fundamental. Agora!

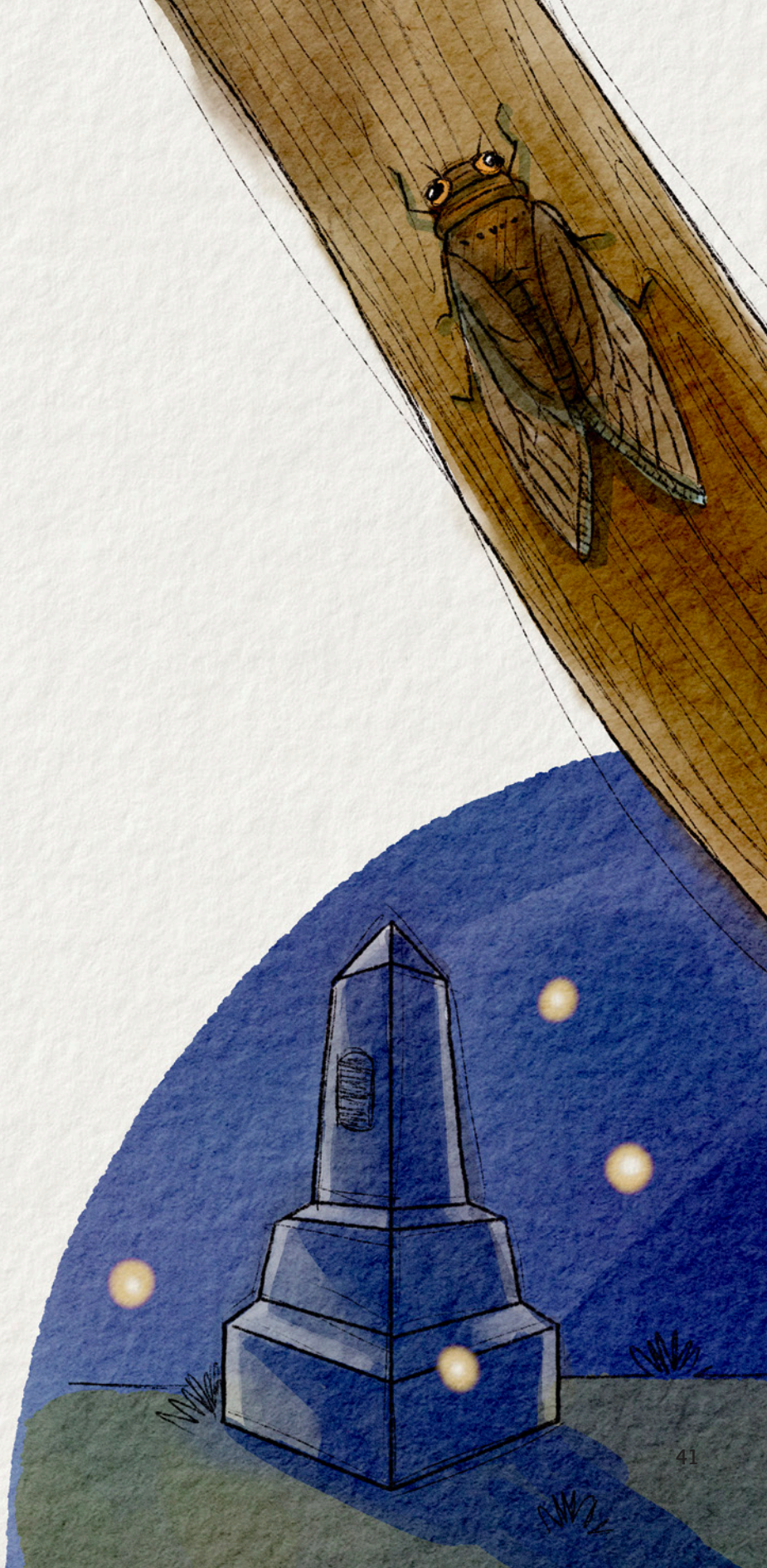
– Pedra o quê?

– A Pedra Fundamental, que o pessoal colocou para mostrar onde seria construída Brasília.

– O que é Brasília?

– Como assim, o que é Brasília? É a capital do Brasil, a gente aprende isso assim que entra na escola.

E aí ele percebeu. Desejou não ter dito o que havia dito. Joaquina, muito provavelmente, nem aprendera a ler. Ir à escola, então, seria uma chance em um milhão.



– A gente nunca vai para a escola, Mateus. Só vai quem nasceu muito rico. A gente tem que ajudar em casa, e essas coisas são muito distantes do arraial.

– É, eu sei, me desculpa, eu...

– Não, tudo bem, está dito.

– Mas, olha só, hoje, todo mundo pode ir à escola! Algumas coisas mudaram, sabe?

– Todo mundo? Isso quer dizer que até a gente pode ir? As meninas?

– Uhum!

– Ah, essa eu tenho que contar para todo mundo. Minha mãe não vai acreditar!

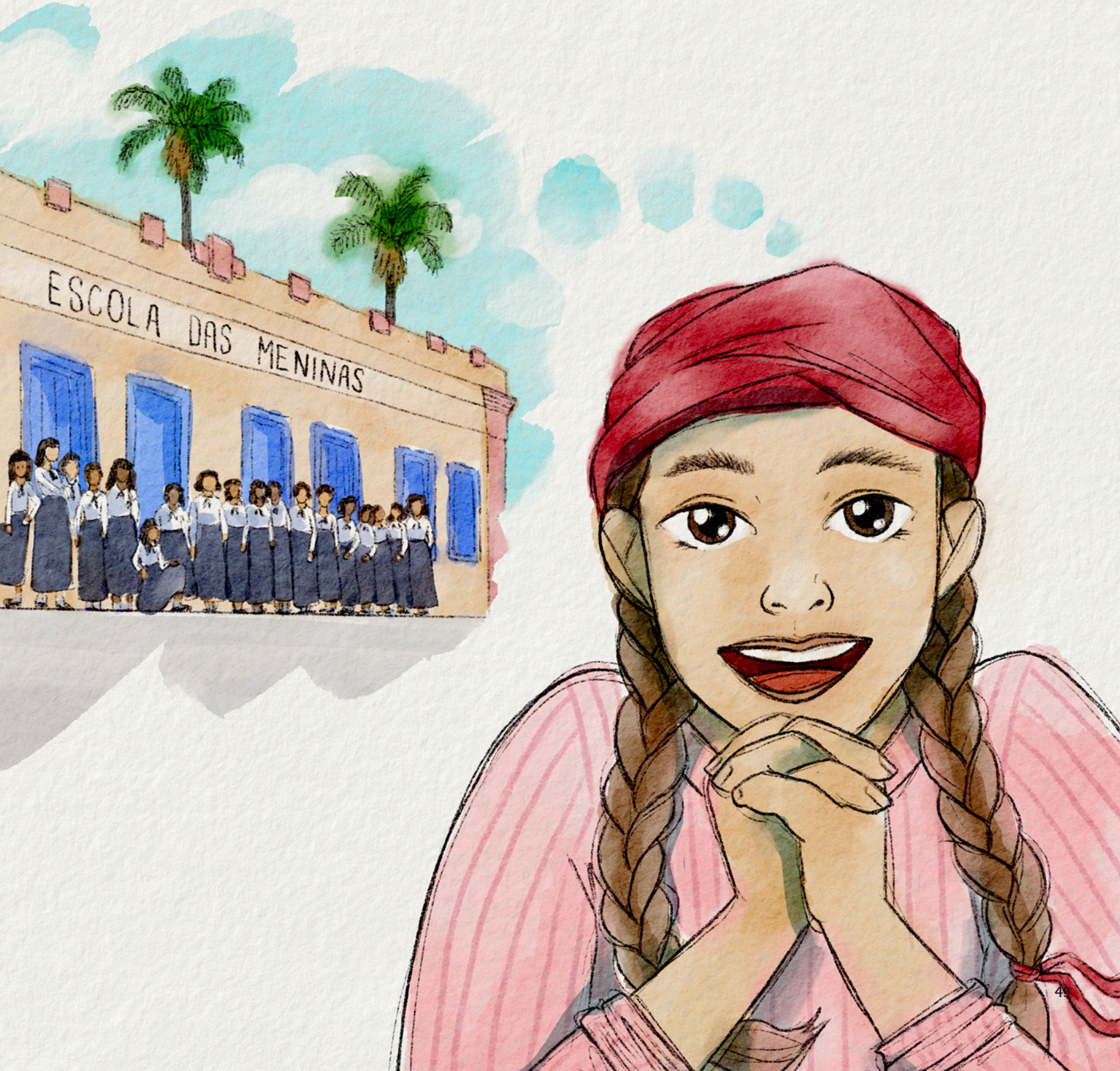
– É, acho que não... – Mateus disse constrangido, não o suficiente para Joaquina perceber. Dela, só via o sorriso, como quem sonha acordada.

– O que estamos esperando? – Perguntou Joaquina. – Temos muito a aprender na Pedra de Brasília!

– Err... Quase isso. Mas, sim, vamos para lá!



Desta vez, não sentiram o embrulho no estômago, nem foram arrancados do chão e jogados nele logo em seguida. Seguiram rumo à Pedra Fundamental a pé, enquanto conversavam sobre o que faziam durante o dia, à noite, aos domingos, quem eram seus amigos. Não que estivessem acostumados a ter muitos amigos. Talvez por isso mesmo, ainda que separados por mais de um século e tendo se conhecido há não mais que algumas horas, falavam como se se conhecessem há muito tempo. Chegaram, por fim, à pequena encosta.


ESCOLA DAS MENINAS



– Então, essa é a Pedra Fundamental? – Perguntou Joaquina – Achei que você tivesse dito que ela marcava o começo de uma construção. Não tem nada aqui.

– É assim mesmo. – Respondeu Mateus. – Não mudou nada do meu tempo... Aliás, acho que ela está um pouco mais preservada agora, é legal ver ela assim. No final do século XIX e começo do século XX, sabe, foram realizadas expedições para estudar o Planalto Central. Naquela época, já queriam transferir a capital do Brasil para essa região, daí colocaram a pedra para marcar essa intenção de mudança. Só começaram mesmo a construir Brasília um pouco depois, mas acho que a Pedra Fundamental foi inaugurada em 1922, nos cem anos da Independência do Brasil. Ah, e tem mais essa. A capital estava para ser mudada desde a primeira constituição da República...

– Sossega um pouco, calma aí. É muita coisa para pegar de uma vez. Então, a capital mudou, o Brasil continuou independente e teve uma tal de constituição da República. E República é o quê? Mudou o quê?

– Ah, se mudou muito, eu ainda não aprendi na escola, mas acho que dali em diante só tivemos presidentes, não mais imperadores.

– Sem imperador? Rei, rainha, príncipe?

– Pois sim. Agora, rei tem do futebol, rainha tem do funk, do carnaval.

– Futebol? Funk, carnaval? Mateus, um boi depois do outro, senão a porteira não aguenta. Quando você começa a falar, não para mais! Parece até que está dando um sermão. – Comentou Joaquina, entre risos contidos. – Um dia, você vai me explicar tudo isso. Agora, sem imperador? Essa é boa! Nem adianta contar essa, porque vou ganhar fama de mentirosa. – A menina disse – Estou gostando dessa história toda, mas por que, afinal, você quis vir aqui? Gosta da vista, é? Mateus olhou em volta, admirando o horizonte que se alargava a partir do Morro do Centenário.

– Então, eu estou com isso na cabeça, uma teoria... Não ri, tá? Eu acho que a pessoa-bicho-planta está querendo que eu revisite lugares do meu passado. Tipo, não tão passado quanto o ano em que a gente se encontrou, mas lugares que foram importantes para a história da minha família, sabe? O Morro da Capelinha é para onde minha vó ia na infância, e vai até hoje. Os meus pais se conheceram na Piteira, um balneário que ficava nas margens do rio São Bartolomeu, perto da Igrejinha de São Sebastião, do ladinho de onde trombei com você. E aqui, na Pedra Fundamental, eu vim com meu avô. É um lugar especial para ele.

Joaquina o olhou desconfiada, mas ele continuou:

– Uma vez, eu vi uma história em que o protagonista viajava para o passado e conhecia os próprios pais e avós na juventude. A bicho-planta não parece muito o cientista louco que aparece na história, mas acho que ela está tentando me passar uma mensagem...

– Se é assim, por que eu vim para o futuro com você? – Perguntou Joaquina.

– Acho que você deu azar em estar perto de mim na hora em que o chão, ou o portal do tempo, se abriu... Que foi? Não me olha com essa cara! – Disse Mateus, notando que a menina tentava segurar o riso.







– Não, não é nada . Você conhece mais histórias que eu, então pode ser verdade. E, se for assim... que outros lugares são importantes para o seu passado? Porque aqui não parece ter nem rastro da criatura que está querendo te mandar uma mensagem.









Iam partir quando Joaquina e Mateus ouviram seus estômagos roncarem. Na confusão da travessia que faziam, haviam se esquecido de algo básico: comer. Nem precisaram falar nada um para o outro. Sentaram-se debaixo de uma árvore, ajeitaram-se e começaram a devorar os itens que Joaquina reservara.

Anoitecia. Adormeceram num instante, apoiados nuns montinhos de pedra pra lá de desconfortáveis. Tão rápida como veio, a noite se foi...

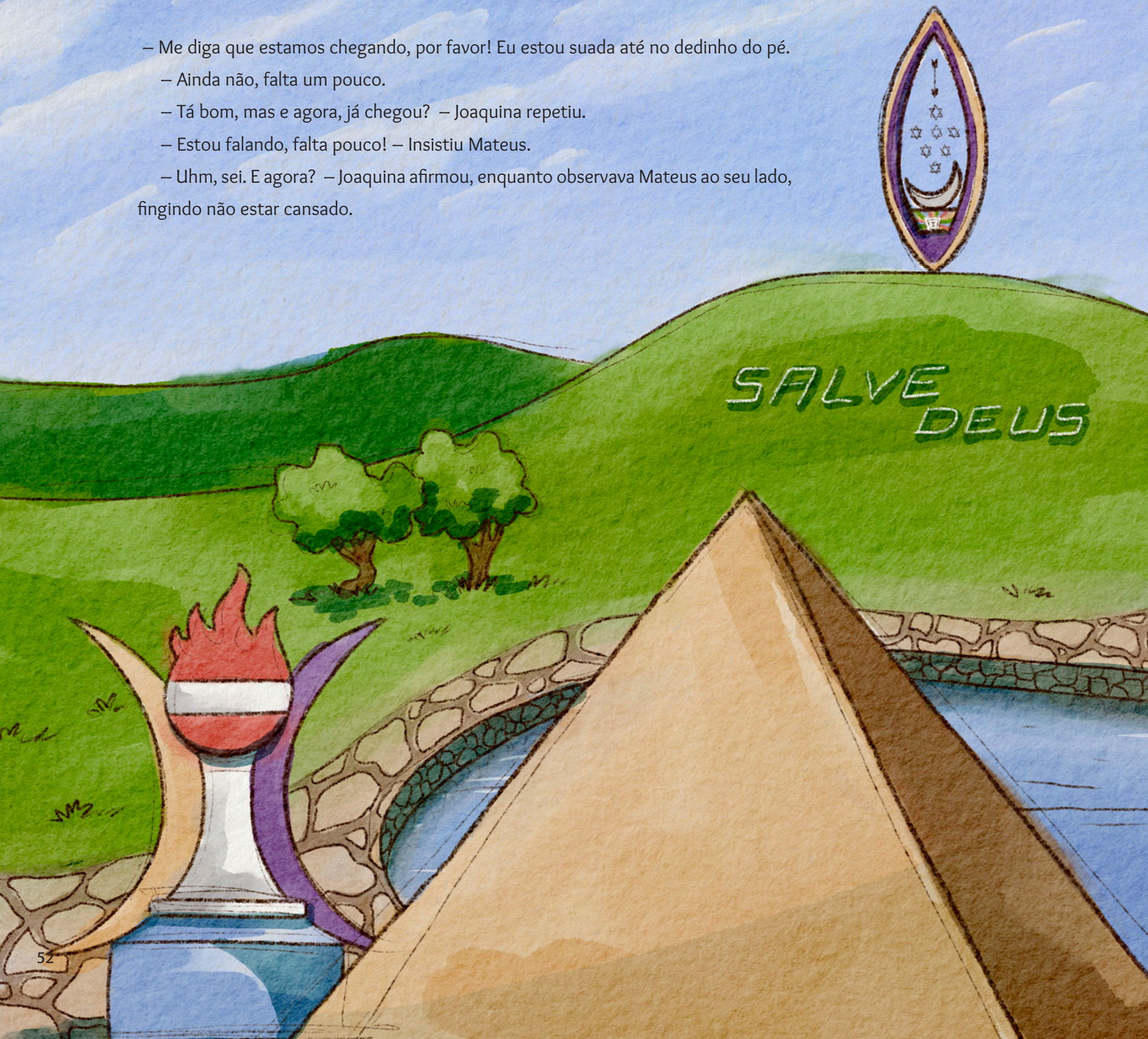
– Me diga que estamos chegando, por favor! Eu estou suada até no dedinho do pé.

– Ainda não, falta um pouco.

– Tá bom, mas e agora, já chegou? – Joaquina repetiu.

– Estou falando, falta pouco! – Insistiu Mateus.

– Uhm, sei. E agora? – Joaquina afirmou, enquanto observava Mateus ao seu lado, fingindo não estar cansado.



– Já disse, na hora que chegarmos, você não vai ter dúvida nenhuma!

Seguiram mais algumas centenas de metros, até que ela viu. Devia ser ali o lugar que ele mencionara logo na saída da Pedra Fundamental.

À sua frente, estava um lago imenso, com uma estátua enorme representando um sol. Poucos passos adiante, via-se uma espécie de palco, ocupado por uma cruz, e, mais ao longe, outras estátuas em formato alongado.



Joaquina, que não parara de falar durante o caminho, olhava para tudo de boca aberta e olhos arregalados. À sua volta, circulavam pessoas com capas coloridas e com coletes cheios de símbolos que nunca havia visto antes.

– Bom. – Disse Mateus. – Agora chegamos, mas acho que você já percebeu.

– Todo mundo se veste assim neste ano? Eu nunca tinha visto nada parecido!

– Não mesmo. – Respondeu Mateus, que vira essa reação muitas vezes em quem chegava ali sem conhecer o lugar.

– E é sempre toda essa gente reunida? – Joaquina falou, apontando para as pessoas que caminhavam.

– Às vezes tem muito mais! O Vale do Amanhecer cresceu muito, mas muito mesmo, desde que surgiu. Nossa, agora que parei para pensar, nessa época em que a gente está, o Vale ainda não tem nem 10 anos em Planaltina! E a Tia Neiva pode até estar por aqui!

– Ahhh, então você quis vir aqui porque é um lugar especial para a sua tia?

– Minha tia? – Debochou Mateus. – Não, Tia Neiva foi quem criou o Vale do Amanhecer. Claro, não foi sozinha, sozinha, teve mais gente que se juntou, mas foi ela que deu início a tudo. Meu tio, sabe, pertence à doutrina,





como ele mesmo chama, mora até aqui por perto. Quer dizer, vai morar, né.

– Como assim doutrina, Mateus?

– Olha, não sei muito bem como explicar, mas é doutrina porque aqui as pessoas seguem uma crença específica. É por conta disso que elas se vestem do jeito que elas se vestem, cantam músicas como a que a gente escutou as pessoas cantarem quando passaram pela gente.

– Crença, você diz, de religião? – perguntou Joaquina, que recebeu um aceno positivo de Mateus. – E tem mais de uma religião no seu tempo?

– Uhum. Aqui em Planaltina, tem um montão delas. Na minha família, tem gente que é católica, tem evangélicos, tem umbandistas, tem pessoas do Candomblé e tem uma parte que frequenta o Vale do Amanhecer. Isso só na minha família. Deve ter ainda mais, eu é que não conheço. – Mateus, então, perguntou. – Você acredita em algo, Joaquina, em algo que está além de nós?

– Eu e meus pais somos católicos, o padre passa toda semana lá na nossa casa para saber como estamos, às vezes até benze uma vaquinha que está meio doente. Agora, pelo que você disse, o que a gente segue é uma crença, né, entre as muitas que existem.

Entre a hesitação de questionar e a vontade de pergun-





tar, Joaquina quis saber se esse "montão de religiões" não dava brigas entre as pessoas. "Se tem gente brigando só existindo católico, não consigo nem imaginar como é que é agora", continuou. E Mateus contou como, sim, eram muito comuns os conflitos por conta da religião e como algumas pessoas acabavam sofrendo muito com isso.

– Seu mundo é mais complicado que o meu, eu acho. – Pontuou Joaquina.

– Em algumas coisas, sim, em outras bem menos. Todo mundo consegue viver junto, parece que não é impossível, só que isso não acontece sempre. – Mateus falava, enquanto os fiéis do Vale do Amanhecer seguiam sua celebração.

Ao longe, vislumbrou um pai e sua filha saindo de um mercadinho, com uma sacola de compras. E, claro, o pai estava de calças compridas e colete, como outros que viram antes; tinha um monte de plaquinhas penduradas no peito. Pensou em como aquele lugar sempre lhe fora especial, como se fosse um mundo à parte, foi lembrando de quando era menor, de vir ali com seus tios...

– Ei! Ei, Mateus! Perdeu o rumo da conversa, foi? Você estava falando, parou do nada e ficou aí, de repente, com esses olhos de coruja. Está aqui, ainda?

– Ah, sim, estou, estou, acabei me distraindo. Venho aqui desde que era bem pequeno, aí fui viajando...

Mateus continuou encafifado. Dessa vez, consigo mesmo.

– Ei, Joaquina, que acha de irmos para o centro histórico de novo? – Disse.

– Centro Histórico? – Ela perguntou.

– Hmm... acho que vocês chamam só de centro, né?

O centro que encontraram era muito diferente e, ao mesmo tempo, muito parecido com aquele que conheciam. A Igrejinha era quase igual à dos tempos de Mateus, mas o entorno era incomum. O menino reconheceu alguns casarões, mas tinha a impressão de que as coisas estavam mais longe umas das outras e de que as ruas eram mais largas. Ao longo da caminhada, ainda se viam casas de madeira e casebres de palha e taipa, igual...

– Igualzinho à minha casa! – Disse Joaquina. – Já andamos mais de cem anos para frente, mas, por um momento, acho que me senti voltando. Não sei explicar porque, mas me dá uma alegria saber que as casas assim não acabaram no futuro.

– Err... – Falou Mateus – Eu sinto informar, mas acho que, no meu tempo, elas meio que acabaram, sim. As que eu conheço são bem melhores.

– Você não conhece a minha casa! – Respondeu Joaquina, com irritação. – Eu só deixei você entrar lá, mas você não conhece de verdade. Menino mal-agradecido.

– Ei, desculpa! Eu não queria falar mal da *sua* casa, é só que, hoje em dia... ou melhor, daqui a uns cinquenta anos, as construções ficam mais modernas. Tem edifícios com vários andares.







Em Brasília, tem uns prédios em formato de cumbuca, de pregador de roupa, de chapéu de freira...

– E precisava derrubar tudo para fazer isso?

Mateus engoliu as palavras, sem saber responder.



– Ei! – Interrompeu ele, mudando de assunto – Tá vendo aquela casa grandona ali? Ela ainda existe!

Aproximando-se, notaram a porta aberta e não conseguiram conter a vontade de espiar o lado de dentro.

– Pois não, posso ajudar?

De dentro da casa, surgiu uma mulher jovem, com cabelo na altura dos ombros e calça comprida. Joaquina a encarou de cima a baixo, encantada. No seu tempo, nenhuma mulher poderia usar uma roupa como aquela.

– Bem-vindos ao Museu Histórico e Artístico de Planaltina Eu sou Suzana. É sempre um prazer receber visitantes e, pelo que estou vendo, vocês vêm de longe, não é?

– É, estamos chegando de uma longa viagem – Afirmou Joaquina.

– Ah, que ótimo. Vocês vão adorar Planaltina!

Os meninos trocaram olhares de cumplicidade, mas deixaram Suzana seguir falando.

– Este prédio funciona como museu desde 1974. Hoje, ele é administrado pelo Governo do Distrito Federal, mas, até pouco tempo, ele era a residência de uma família muito rica da região. As coisas estão mudando muito rápido por aqui, em especial nesses últimos quinze, vinte anos, depois que a capital foi inaugurada. O Museu serve como um registro do modo de vida dos nossos antepassados, da nossa identidade, e também guarda a história de alguns acontecimentos da cidade, como a passagem da Comissão Exploradora do Planalto Central, que chamamos popularmente de Missão Cruls.

– Ah, esse era o nome das expedições de que eu queria me lembrar! – Afirmou Mateus.

Os três percorreram as salas, olhando o acervo com atenção, enquanto Suzana falava sobre as fotografias e sobre os objetos.

– Por favor. – Interrompeu Joaquina. – Você saberia dizer quando o Arraial deixou de se chamar Mestre D'Armas e passou a ser Planaltina?

– Hum, para visitantes, vocês até que estão por dentro, hein? Em 1910, uma lei estadual mudou o nome de Mestre d'Armas para Altamir. Isso mesmo, Altamir! Um tempinho depois, uma nova lei transformou tudo em Planaltina. – Disse Suzana.

– Obrigada! – Respondeu a menina. – Agora, acho que precisamos ir andando, ainda temos algumas coisas para resolver pela cidade...

– Tão novos e com tanta coisa para resolver! – Disse Suzana, rindo. – Não deixem de reparar nos belos prédios que temos na cidade, é tudo pertinho: o Paço Municipal, a antiga Prefeitura... e digam para os pais de vocês passarem por aqui mais tarde!

Joaquina e Mateus se entreolharam, deixando claro



um para o outro que estavam entre o desespero e a alegria incontida de quem guarda um segredo..

– E agora, hein, o que você sugere? – Joaquina perguntou.

– Hum, não sei, eu não estou entendendo um bocado de coisas. – Disse Mateus, com uma expressão pensativa.

– Tem algum outro lugar que seja importante para você? E, quem sabe, onde a gente possa encontrar gente como a Suzana, que possa nos ajudar?

– Olha, eu não sei, mas se tem algum lugar onde a gente pode encontrar de tudo é a Feira, nem é muito distante, dá para ir a pé. Lá, tem pastel, rede, fruta e um montão de comida.

– É pra lá que vamos, então!



– Entendi o que você quis dizer quando falou que aqui tinha de tudo, Mateus. – Joaquina estava deslumbrada, tocava tudo que via à frente.

– E não é? Meus pais vêm aqui, vira e mexe.

– E é comum ter muita gente assim?

– Ah, sim, sempre tem bastante gente. Aqui na Feira, não tem um segundo sequer que as coisas param. Assim, eu não costumo conversar muito, né? Sou meio tímido, fico ressabiado perto de multidão. Só que, para mim, a Feira é diferente. De algum jeito, eu sinto que estou em casa. Mesmo que seja cinquenta anos atrás. – Mateus riu e encarou diretamente Joaquina, que o observava também aos risos. – Que foi dessa vez?

– Para quem é tímido, você até que fala bastante, hein? – Joaquina não podia perder essa chance de brincar com seu companheiro de viagem.

– Err... é diferente. Você conversa comigo sem achar que estou falando besteira. O pessoal da minha escola, não, eu sei que falam de mim o tempo todo.

– Mateus, eu acho até que podem brincar com você. Agora, falar de você o tempo todo? As pessoas têm mais o que fazer.

– Não quis dizer isso. Claro que não é só sobre mim, é que, quando falam, eu percebo... eu sei que é algo ruim. – Mateus tentou retrucar.

– E eu não sei como é? Só acho que, quando você voltar, duvido não quererem ouvir sua história.

– E eles vão lá acreditar nisso que a gente está vivendo?

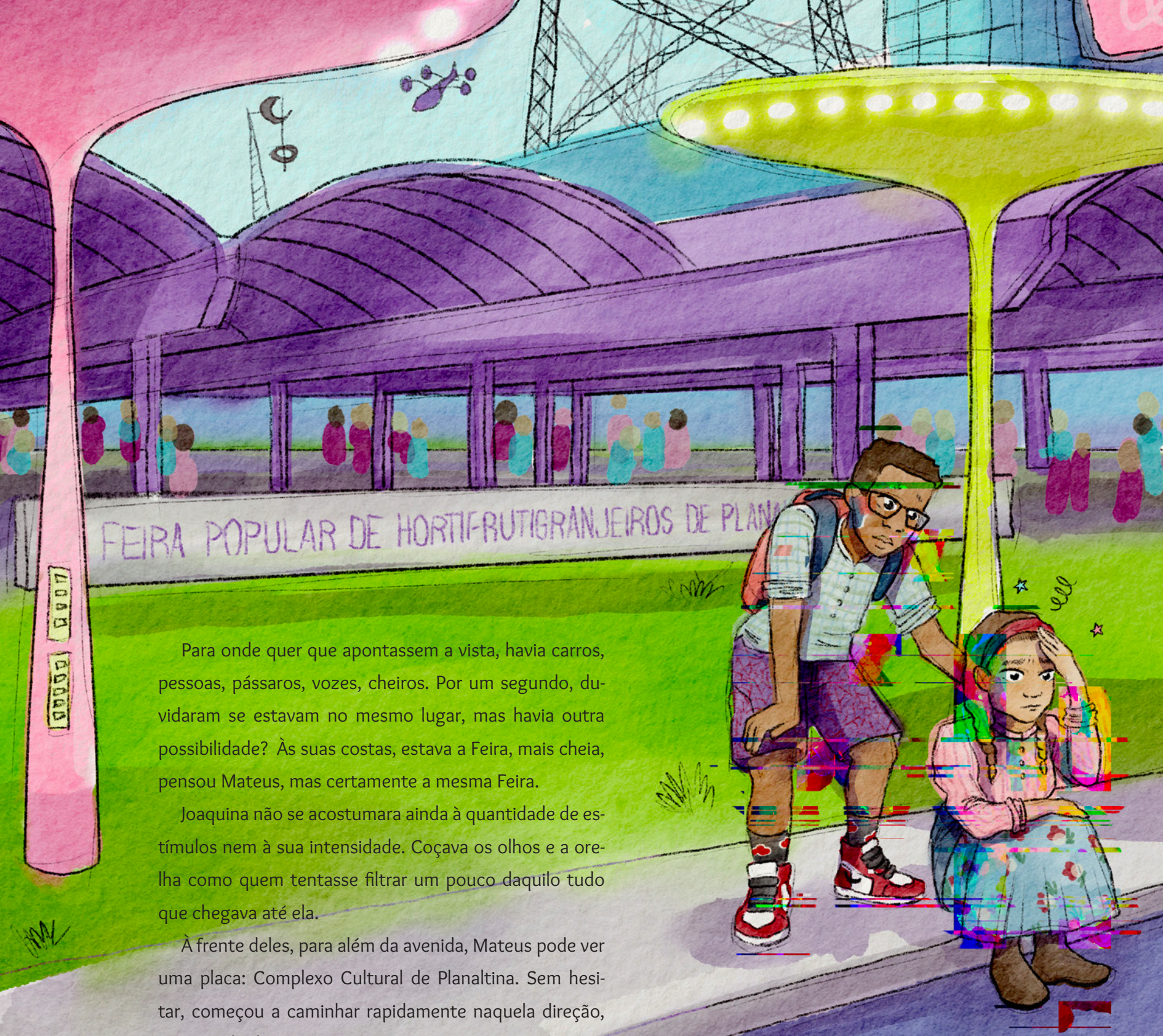
– Se não acreditarem, pior para eles – Joaquina disse.

Mateus e Joaquina continuaram a caminhar pela Feira. Passaram por todos os corredores. Loja por loja, banca por banca, canto por canto.





Até perguntaram para um ou outro se tinham visto uma pessoa "estranha" por ali, que fosse meio verde e meio transparente. E, claro, ninguém tinha visto nada que parecesse com isso. Quando já haviam desistido, sentados no meio fio, aconteceu. Foram sugados mais uma vez. Estavam no mesmo lugar, na mesma calçada. O resto, no entanto, mudara totalmente.

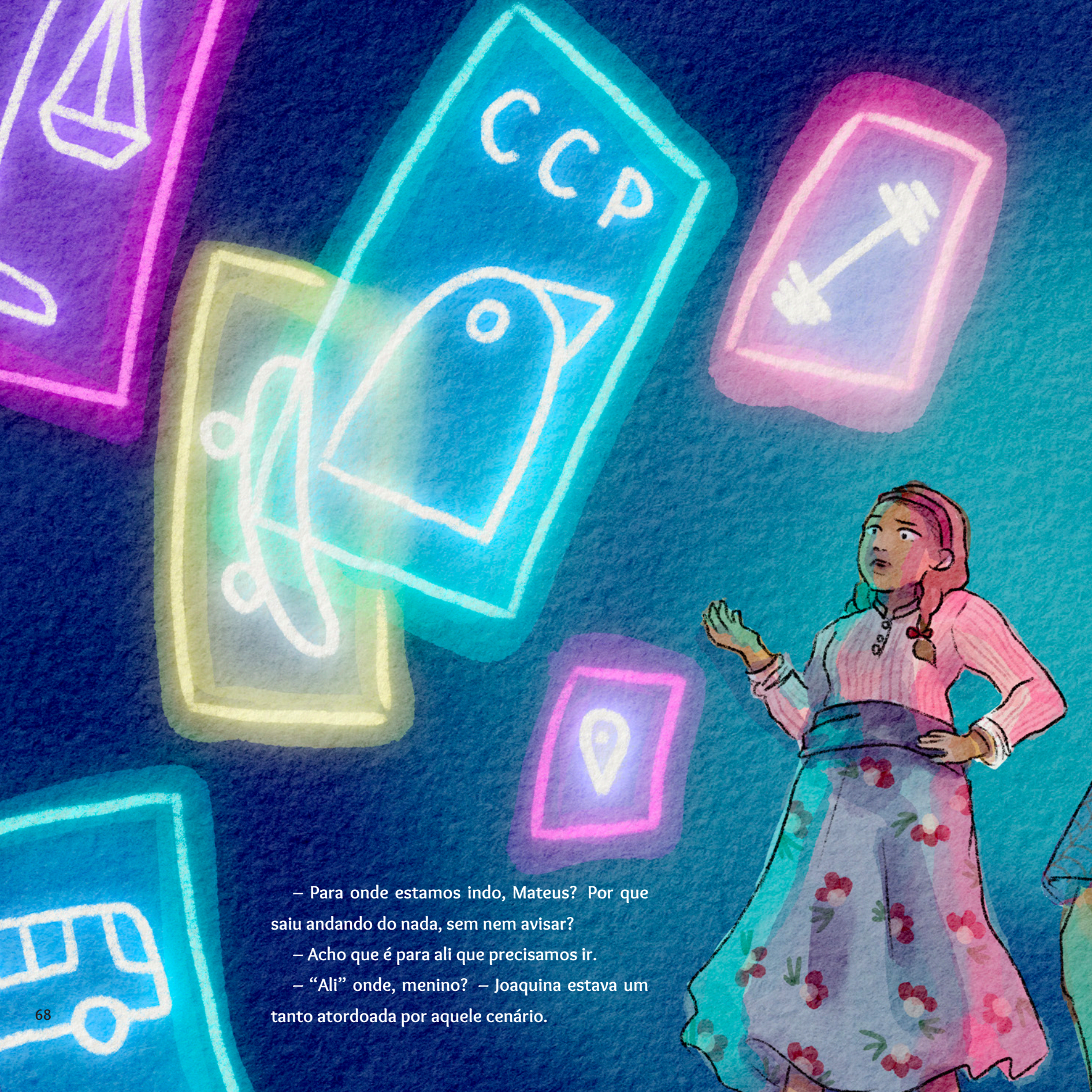


Para onde quer que apontassem a vista, havia carros, pessoas, pássaros, vozes, cheiros. Por um segundo, duvidaram se estavam no mesmo lugar, mas havia outra possibilidade? Às suas costas, estava a Feira, mais cheia, pensou Mateus, mas certamente a mesma Feira.

Joaquina não se acostumara ainda à quantidade de estímulos nem à sua intensidade. Coçava os olhos e a orelha como quem tentasse filtrar um pouco daquilo tudo que chegava até ela.

À frente deles, para além da avenida, Mateus pode ver uma placa: Complexo Cultural de Planaltina. Sem hesitar, começou a caminhar rapidamente naquela direção, acompanhado por Joaquina.





– Para onde estamos indo, Mateus? Por que saiu andando do nada, sem nem avisar?

– Acho que é para ali que precisamos ir.

– "Ali" onde, menino? – Joaquina estava um tanto atordoada por aquele cenário.



– Para o Complexo. Eu já me apresentei aqui, mais de uma vez – Enquanto falava, Mateus estava atravessando a rua.





– Você se apresentou? – Joaquina o interpelou.

– É, fiz parte de uma peça de teatro. Não imaginei que fosse conseguir, mas me senti muito bem fazendo. Para mim, foi até meio surpreendente, sabe? Ficar na frente de todo aquele mundão de gente e ficar tranquilo, mesmo assim.



Cruzaram o portãozinho de entrada, indo em direção ao interior do espaço, que parecia diferente do que se lembrava.

– Em que ano será que estamos, hein? – Perguntou à Joaquina. Esse não é o Complexo que eu conheço. Vim aqui semana passada e não estava assim. Não exatamente semana passada, você entende. – Complementou.

Não houve resposta. Joaquina havia parado de acompanhá-lo. Quando Mateus se aproximou, ela estava com os olhos voltados para cima. Admirava as imagens na parede, diferente de tudo que vira na vida.

A parede tinha pelo menos dez vezes sua altura e, de um lado a outro, estava coberta com desenhos multicoloridos. Reconheceu os traços que representavam o Vale do Amanhecer e a Pedra Fundamental.

– O pintor que fez isso era muito talentoso, né? – Comentou a menina.

– Não são pinturas ou, pelo menos, não são feitas com pincel. – Respondeu Mateus – Isso é grafite, um tipo de arte feita com tinta spray. É bem comum no meu tempo. Eu lembro quando esse painel foi pintado, inclusive, chamaram vários artistas da cidade para pintar aí... Os desenhos continuam iguais, eu acho, mas parece que falta alguma coisa. Tá vendo que tem uns espaços em branco?

– Sim, tô, mas achei que era parte do desenho, esse negócio mais... moderno.

– Hum, não sei. Mas vem, vamos entrar. Estou com um pressentimento bom.





Assim que entraram, Mateus notou uma figura ao final do salão, de costas. Antes de pensar em qualquer coisa, seus pelos se arrepiaram e ele arriscou dar um passo para trás. Era ela. Estava sem toda aquela roupa esquisita que vira anteriormente. Sem os óculos, parecia bem mais humana.





– Boa tarde, galera. – Ela falou, virando-se na direção deles.

O menino não saiu do lugar, os pés pesavam toneladas. Joaquina, por sua vez, caminhava no rumo da criatura que, a julgar pela voz e pelos olhos, era só uma mulher de carne e osso.

– Antes de escutar "boa tarde", acho que você vai ter que explicar algumas coisinhas. – Falou Joaquina.

– Claro, você tem toda razão. Nunca fiz a gentileza de me apresentar. Eu me chamo Lis. Venham, vamos sentar. Vocês devem estar com fome, certo?

Mil e uma coisas passavam pela mente de Mateus e de Joaquina, mas eles acompanharam Lis calados. O Complexo parecia maior do que Mateus lembrava, como se tivesse sido expandido, formando uma espécie de labirinto de salas no segundo andar. As paredes estavam um pouco desgastadas, precisando de uma pintura. Em quanto tempo essas mudanças aconteceram? Chegaram, por fim, a uma porta com a placa "Administração".

Mateus e Joaquina sentaram-se ao redor de uma mesa redonda, de plástico. De uma salinha ao lado, Lis trouxe uma garrafa térmica, dois pacotes de bolacha água e sal e três xícaras.

– Sinto muito não poder oferecer nada mais elaborado, mas acho que comer um pouquinho vai nos ajudar a pensar melhor. – Falou, entre um suspiro e outro. – Bom, esta é a parte em que vocês me enchem de perguntas.

Como uma represa que estoura, os dois começaram a falar ao mesmo tempo, atropelando as palavras, contando tudo que haviam passado e emendando uma questão na outra. Lis arregalou os olhos e interrompeu:





– Ok, ok. Deixa eu facilitar para vocês. Meu nome completo é Lis da Silva Altamir. Eu trabalho aqui no Complexo Cultural de Planaltina, com história e patrimônio cultural. E o ano em que estão, ou melhor, estamos, é 2053.

Mateus olhou em volta e, em seguida, baixou o olhar para as próprias mãos. Tentou imaginar como seria ter 40 anos.

– Como vocês devem ter reparado, algumas coisas mudaram na cidade. – Continuou Lis. – Para o bem e para o mal. Ela cresceu muito, foi se modernizando. Com o crescimento, muitas áreas receberam investimento, como o próprio Complexo Cultural. Nos últimos anos, porém, a situação tem se complicado. Ficou cada vez mais caro morar na área central da cidade, mesmo com os prédios se multiplicando. Algumas pessoas acreditam que é preciso derrubar os antigos casarões para fazer novas casas, novos prédios. Até derrubaram a Igrejinha.

– O quê? – Perguntou Mateus, surpreso. – Como?

– É... parece que foi ontem que ela estava aqui, né? – Disse Lis, tentando uma piada. – Os períodos de chuvas e de secas têm sido cada vez mais intensos, e o rio São Bartolomeu transborda ano sim, ano não. Começaram a dizer que a Igrejinha era um local perigoso, por conta do risco de inundações. Uma empresa grande apresentou um projeto de aterramento e pavimentação da área da praça, supostamente para resolver o problema. Só que, durante as obras, afirmaram que a estrutura da Igrejinha estava comprometida e, em vez de restaurá-la, derrubaram tudo. Duzentos anos de história postos abaixo num instante.

– E ficou por isso mesmo? ! – Perguntou Joaquina, indignada.

– Então... fizeram protestos, o jornal local foi lá, tudo isso. Mas essa nem é a parte esquisita da história. – Seguiu Lis. – Depois que a Igrejinha caiu, notamos que o painel do Complexo, esse que vocês devem ter visto lá fora, começou a se apagar sozinho, justamente nos pedaços em que a Igrejinha estava representada. Isso foi me deixando muito inquieta, sabe? Senti que algo estava muito errado, que precisava fazer alguma coisa.

– E aí você resolveu "simplesmente" viajar no tempo? – Perguntou Joaquina. – Isso é moda nos anos 2050? "Hoje, hum, vamos ver, queria ir para o ano 1526". – Joaquina ironizou, com caras e bocas que fizeram Lis dar um riso de canto.

– Er... sim, eu achei que poderia ir por esse caminho, mas não é tão simples. A viagem no tempo existe há pouco tempo e é uma tecnologia bem cara, só é usada para fins científicos. Os pesquisadores usam os óculos de transporte intertemporal, que é o nome técnico daquele trambolho que vocês devem ter notado na minha cara, para viajar ao passado e coletar amostras de água, ar, solo, fungos, plantas, insetos... enfim. Estávamos com



uma exposição em cartaz aqui no Complexo chamada "Arqueologia do Futuro", que mostrava justamente o uso das novas tecnologias para estudar a vida dos seres humanos do passado. Além de amostras e registros do passado, também estavam em exibição os óculos e o traje de não interferência.

– É aquela sua roupa estranha? Você roubou ela da exposição? ! – Perguntou Joaquina, enérgica.

– Digamos que eu peguei emprestado. Ela deveria me deixar invisível, justamente para não causar distúrbios nos animais e nas pessoas do passado, mas...

– Eu te vi. – Complementou Mateus.

– Sim. Quando notei que você estava me seguindo, fiquei assustada e tentei fugir. Eu não sei como, mas você acabou seguindo a mesma rota temporal que eu.

Lis falou sobre a sua preparação para a viagem, sobre as pesquisas que fizera. Os óculos de viagem intemporal permitiam apenas ver o que aconteceu, mas não davam o poder de influenciar ou impedir o passado de acontecer.

– Mas isso é importante! – Ela continuou. – Eu estava com a ideia fixa na cabeça, não ia desistir. Concluí que, se o problema fosse no painel, eu precisaria investigar o período em que ele foi pintado. Se fosse na Igrejinha, seria necessário visitar a época de sua fundação. Foi assim que resolvi que iria para dois momentos, um no século XIX, outro no século XXI.

– Em 1842 e 2025! – Repetiram, juntos, Joaquina e Mateus.

– Muito bem. Mas o que eu quero mesmo saber... – Acrescentou Joaquina. – É onde a gente entra nessa história.

– Eu gostaria de ter a resposta tanto quanto vocês. – Disse Lis, com a voz baixa.

– Será que é porque nós somos especiais? Digo, protagonistas de alguma coisa que ainda não sabemos? Faria sentido, não é? A gente viajou para lugares importantes para mim, pelo menos. – Arriscou dizer Mateus.

– Deixa de ser bobo, Mateus. – Joaquina falou, ao passo que olhava para Lis, em busca de qualquer sinal de que estivesse certa.

– Concordo com ela, Mateus. Não que você seja bobo e nem que não seja especial, não é isso.


2053
2025
1842
42
VIAGENS NO TEMPO
VOLUME
CENTRAL DE MANIPULAÇÃO
RESPOSTA À DEPRESSÃO
AÇÃO E REAÇÃO





É que os lugares aos quais vocês foram são lugares importantes para muita gente, sabe? Não para uma ou outra pessoa, mas para muitas.



Vocês puderam ver a Feira, cheia como fica, o Vale do Amanhecer...

– É, eu sei, mas tem algum sentido. Eu leio bastante e, nessas histórias, tem sempre alguém, uma pessoa, que acaba fazendo as coisas se arrumarem. – Insistiu o menino.

– A ideia de um herói na nossa história é bonita, só que não explicaria muito. – Respondeu Lis. – Mas, olha, eu tenho a impressão que, ao abrir esse buraco no tempo, de alguma forma, eu proporcionei que nós viajássemos para muitas Planaltinas, todas elas com alguns significados. São significados criados por você, por mim, por Joaquina. Por todos nós, sabe? Cada espaço tem uma importância particular na nossa vida, mas o que os torna especiais é o coletivo, o papel que ele tem para a comunidade.

– Então, você está dizendo que a gente não vai poder fazer nada a partir de agora? Já que a gente é só mais um nessa confusão toda... – Mateus perguntou, cabisbaixo.

– Não é bem assim. – Continuou Lis. – Eu realmente sinto muito por ter colocado vocês em uma confusão minha, eu não queria criar falsas expectativas. Mas tem um lado bom nessa história. Agora, vocês dois conhecem algo que ninguém mais sabe, e esse é o primeiro caminho para mudar as coisas, certo? Eu não posso alterar o curso do meu passado, mas talvez vocês possam mudar o futuro. Para mim, isso é um superpoder!

Mateus e Joaquina sorriram. Queriam ter tempo de descobrir tudo – da cura da tuberculose até os números sorteados pela loteria –, mas a verdade é que estavam com saudade de casa.

Era hora de voltar.

Os meninos se abraçaram, gratos por aquela amizade improvável. Lis voltou a colocar os óculos e segurou na mão deles.

– Lis, uma última pergunta. – Disse Mateus. – No seu tempo, ainda existe pamonha?

– Sim, Mateus, pode ficar tranquilo. – **R**espondeu ela, rindo.



Mateus chegou a tempo à escola. Não sabia tudo que precisava fazer daí em diante. Sabia, entretanto, que precisaria agir com as pessoas, não sozinho. Lembrou de Joaquina e de Lis, sempre tão corajosas. Se quisesse mudar alguma coisa, não poderia ter medo do futuro. Seria difícil, mas tinha a esperança de que as coisas dariam certo. Tinham que dar.

Joaquina estava mais uma vez ao lado do ribeirão. Por um instante, sentiu-se no lugar mais importante do mundo. Como viver a "mesma vida" tendo visto tudo que vira?



Tinha centenas de dúvidas e algumas poucas certezas.

Joaquina sabia que não queria ver a Igrejinha derrubada, o ribeirão destruído. Queria muito que todo mundo que vivesse depois dela pudesse se encantar como ela havia se encantado. Algumas coisas mudariam dali em diante, e ela faria de tudo para que fosse o mais rápido possível. Imaginou-se fazendo algo como o que Lis fazia, as meninas podendo estudar como Mateus, as pessoas não pertencendo a ninguém.

O futuro começava hoje, mesmo!

Eu sei, eu sei, eu armei uma baita de uma confusão, né? Confesso que tive as melhores das intenções, tudo o que eu queria era trazer Planaltina de volta. “Ponho estes óculos aqui e, pronto, tudo vai ser diferente”, foi o que pensei. Mas, é aquilo, tem coisas que, uma vez feitas, não voltam mais. Uma vez que acontecem, no entanto, mostram que as coisas podiam ser diferentes. Não somente isso, mostram que tinham que ser diferentes.

O que Mateus, Joaquina e a desastrada aqui vivemos deixou alguns aprendizados. Ai de mim querer falar de todos e, mais ainda, saber de todos eles. Como vocês viram, um erro grande foi achar que eu sabia de tudo e achar que eu conseguiria mudar tudo. Há mais gente no mundo, né?

Antes de me despedir, queria deixar algumas palavrinhas para vocês sobre patrimônio cultural. “Ih, lá vem a tia falar umas abobrinhas, encher as próximas páginas com palavras difíceis”, vocês estão pensando. Prometo que não. Juro. Vai ser rápido como... Rápido como viajar no tempo!

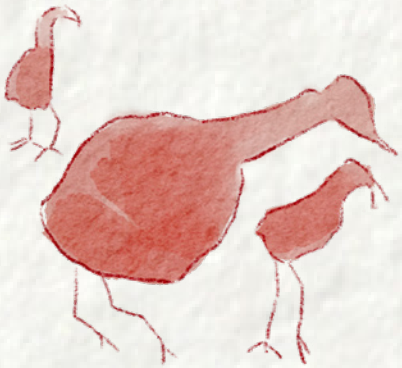
Eu acho que vocês devem ter ouvido falar de patrimônio cultural, quem sabe até lido essas duas palavrinhas em algum lugar. Brasília, por exemplo, é considerada um patrimônio cultural da humanidade. Isso mesmo, humanidade, todos nós. Não é exagero nenhum dizer que todo lugar tem seus patrimônios culturais. No plural. Só que para falar de patrimônio, no entanto, a gente precisa falar





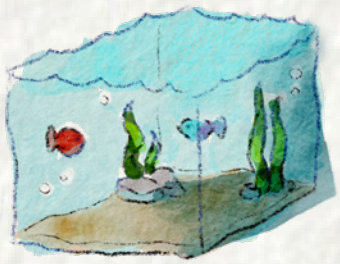
de outras duas palavras: referência cultural. Essas coisas estão muito ligadas entre si, vocês vão ver.

Imaginem a seguinte situação: vocês vão viajar para algum lugar muito, muito, muito distante. Esse destino para onde estão indo é bem diferente de onde moram. Mas vocês têm um objeto mágico, uma mochila capaz de guardar aquelas coisas que são mais importantes de sua cidade, do seu bairro, da sua vizinhança. Agora...não podem ser muitas coisas. A mochila é mágica, mas até a









magia tem seus limites. Com essa mochila, vocês podem mostrar para quem quiser tudo aquilo que vocês levaram de importante consigo. Ou podem, simplesmente, admirá-las por um tempinho, para se lembrarem de onde vieram.

Essas coisas que são importantes para a gente, e que fazem com que a gente se identifique com nossa comunidade, são aquilo que a gente pode chamar de referências culturais. O Mateus, por exemplo, falou da Festa do Divino Espírito Santo como um evento muito especial para a cidade e para ele. Se o Mateus tivesse uma mochila mágica, tenho certeza de que guardaria a Festa nela. Acho que posso dizer que levaria a Feira e o Complexo Cultural, também. Taí a referência cultural, é aquilo que é importante para um grupo de pessoas, que faz essas pessoas se sentirem parte de algo maior que elas mesmas, que criam um sentimento de pertencimento e de identidade.

"Tá, tá, e o patrimônio, que tem a ver com isso, Lis", vocês me perguntam.

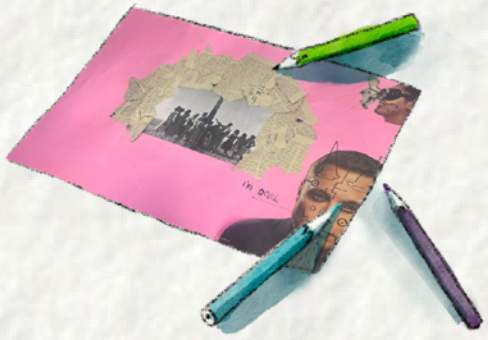
O patrimônio cultural é aquilo que nos faz lembrar quem veio antes da gente, que fez com que a gente seja o que é hoje. É aquilo que a gente quer que nossos filhos, netos, bisnetos, tataranetos possam ver e possam, de alguma forma, sentir o mesmo que a gente sentia quando via. É aquilo que une, de um jeito especial, passado, presente e futuro, como se fossem parte de uma só linha do tempo.

Taí para vocês verem o caso da Igreja de São Sebastião, que tinha se acabado em 2053, para tristeza de muita gente. E sabem por quê? Porque a Igreja era algo que nossos antepassados haviam feito, construído. Quantas pessoas não se casaram nela, foram nela batizadas, ou só passaram na frente dela e se deram conta do quanto era bonita?



Os patrimônios que são como a Igrejinha têm um nome específico. São os patrimônios materiais. De forma bem resumida, a gente os chama assim porque eles podem ser tocados: edifícios, objetos, obras de arte.... Cada patrimônio material tem em si uma parte da história do Brasil, de alguns momentos que vivemos enquanto coletivo. A Catedral Metropolitana de Brasília, o Congresso Nacional e todos aqueles prédios da capital também são patrimônios. Eles representam um momento da nossa história, diferente daquele da nossa Igreja de São Sebastião, mas ligado de muitas formas a quem somos. Quando o poder público reconhece a importância de um bem material, ele passa a ser protegido pelo tombamento.





Mas nem tudo do que nos lembramos conta uma história feliz. Nosso passado também é marcado por dores. Tem um lugar no Rio de Janeiro que chamamos de Cais do Valongo. Esse lugar, não faz muito tempo, foi tombado e também declarado um patrimônio cultural da humanidade, por ser o único vestígio conhecido da chegada de pessoas escravizadas ao continente americano. “Nossa, Lis, mas por que lembrar disso? Machucou tanta gente, fez com tantas vidas fossem perdidas”, vocês podem me dizer. Mas é justamente por isso que precisamos nos lembrar. É como se, lembrando dessas coisas, a gente se tornasse mais consciente de quão cruéis podemos ser e o que precisamos fazer para evitar que isso se repita.







Falando em repetir, lembrei agora de um tipo de patrimônio que só existe pela repetição ou, melhor, pela reinvenção. É o que chamamos de patrimônio imaterial. Gosto de dizer que bens imateriais são coisas em que a gente não pode necessariamente tocar, mas que tocam a gente. É o caso da Festa do Divino Espírito Santo, da Via Sacra e dos festejos rurais que Joaquina frequentava... Sabe quando a gente se emociona ouvindo uma música, ou quando vê uma apresentação teatral, e lembra de um familiar, da mãe, do pai, da vó? É como se, ouvindo alguém fazendo um repente, dançando forró, a gente se sentisse parte de um grupo maior de pessoas, de uma tradição que existia antes de nós. Eu mesma até hoje adoro ouvir forró, ver espetáculos de mamulengo e praticar capoeira. E ler um folheto de Cordel, então? Todos esses são bens reconhecidos por meio do registro, isto é, são elementos da nossa cultura que têm sua importância reconhecida pelo Estado brasileiro.

A gente falando assim, parece que, por mais antigas que as coisas sejam, elas nem são tão antigas assim, né? Mesmo falando de 1842, ainda assim não é muito, se compararmos com a idade do nosso planeta e do tanto de tempo que tem gente vivendo nele. E toda essa gente deixou muitas marcas do período que viveram. Um exemplo são aquelas pinturas que vemos em cavernas, com ilustrações de animais, pessoas, rituais, as pinturas rupestres. Esse tipo de marca da vida humana no planeta tem um nome quando se fala de patrimônio. É o que chamamos de patrimônio arqueológico, que pode ser bem, bem antigo, de muitos milhares de anos atrás, e pode ser mais recente, como aqueles vestígios deixados no último milênio, ou nos últimos 500 anos. Pensem, só aqui em Planaltina, quanta gente não pode ter passado por essa terra, pisado mais ou menos no mesmo solo que vocês estão pisando agora?

Agora, eu queria que vocês se lembrassem de um momento dessa confusão toda minha, de Joaquina e de Mateus. Logo no primeiro encontro deles, onde que se encontraram? Foi num ribeirão, não é? O Ribeirão Mestre D'Armas. E até mesmo um curso d'água, meu povo, pode

ser considerado um patrimônio, com outro nomezinho na frente, patrimônio natural. Toda cidade foi, antes, um ambiente natural, um bioma. No nosso caso, aqui no Distrito Federal, este bioma é o Cerrado. Com o surgimento das povoações, das edificações, a ação humana começa a se misturar com esta natureza. Isso, em si, não é ruim! O problema é quando provocamos um desequilíbrio. O que queremos – ou, pelo menos, eu quero – é que as pessoas, os animais, as plantas e as águas sigam existindo juntos e com saúde. Sem esses patrimônios, aliás, não duraríamos nadica de nada nesse planeta. Não sei se você sabe, mas Planaltina é a Região Administrativa com mais Unidades de Conservação no DF. Talvez você já tenha ouvido falar no Parque Sucupira, na Estação Ecológica Águas Emendadas... são espaços preservados de nossa cidade, que guardam a vida e protegem as nascentes e o Cerrado!

Vocês não vão acreditar, além disso, se eu disser que tem um montão de formas



de fazer com que esses patrimônios que são relevantes para nós possam ser conhecidos por mais pessoas. Como eu venho dizendo, o que pode ser legal para mim pode não ser para você. Só que, se você for juntando uma por uma dessas coisas, vai ver que há muitas em comum. Podemos escrever sobre elas, fotografar, imaginar histórias, encená-las em peças de teatro, fazendo um inventário participativo! Parece complicado? Concordo, mas a ideia é simples, é que seja possível se pesquisar tudo que é importante para um grupo e que isso envolva bastante gente, todas trabalhando juntas. E olha que podemos até publicar livros sobre tudo isso que falamos. Imagina se sair um dia um livro desses sobre Planaltina. Tomara que alguém faça isso um dia...

Eu me empolgo muito falando desses assuntos, né? Quando começo, desembesto a falar até não poder mais. Acho que isso tem a ver com a própria questão do patrimônio cultural, para ser sincera. Quando a gente vive o patrimônio, a gente quer falar sobre ele. O bom, como eu disse agorinha há pouco, é que podemos "falar" de várias formas: escrevendo, fotografando, desenhando, encenando... Tem até um termo para isso, sabiam? É educação patrimonial, e ela fica ainda mais legal quanto mais pessoas estão juntas, de tudo quanto é idade, crença, origem, etc. Se o patrimônio está na nossa vida, por que não poder falar sobre essa vida para mais gente? Em minha defesa, antes que saiam espalhando que eu falo da vida dos outros, falar de patrimônio é contar uma história como ela foi no passado e como a gente quer que ela seja no futuro. Sei que parece difícil, mas alguns verbos podem nos ajudar com isso: preservar, restaurar, cuidar, difundir, compartilhar... você escolhe!

A propósito, eu preciso dizer que há muitas pessoas como eu, que trabalham com patrimônio cultural. É o caso do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan, e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. O trabalho deste pessoal é fazer com que o patrimônio cultural possa ser preservado, conservado e conhecido por mais pessoas pelo país e pelo mundo afora. Não basta dizer que alguma coisa é patrimônio, falar sobre ela, sem que se trabalhe duro para que elas possam continuar no tempo e, mais importante, de forma acessível para todos e todas. E é justamente com isso que eu trabalho! Por sinal, acho que deu minha hora. Preciso ir andando! Foi um prazer conhecer vocês! Nos vemos daqui a algumas décadas. Vou estar esperando!


ESTAÇÃO ECOLÓGICA
ÁGUAS EMENDADAS
CÓRREGO BREJINHO
1
E.E.
A.A.
LAGOA
BONITA
RIBEIRÃO MESTRE D'ARMAS
FUMAL
CÓRREGO
PARQUE
SUCUPIRA
3
2
4
13
14
15
12
16
11
17
18
19
20
22
23
21
7
5
9
6
8
10
LAGOA
JOAQUIM
MEDEIROS
RIB. MESTRE D'ARMAS
CORGUINHO
CÓRREGO DO ATOLEIRO
24
27
28
RIO PIPIRIPAU
25
26
RIO SÃO BARTOLOMEU
CÓRREGO DO MEIO
CÓRREGO XV



Referências culturais de Planaltina/DF

1. Estação Ecológica Águas Emendadas
2. Universidade de Brasília, campus Planaltina (FUP)
3. Parque Sucupira
4. Festa da uva
5. Museu Histórico e Artístico de Planaltina e Praça do Museu (Praça Salviano Monteiro)
6. Igreja São Sebastião (Igrejinha)
7. Mini teatro Lieta de Ló
8. Estátua de Luiz Cruls e praça São Sebastião
9. Festa do Divino e Folias
10. Casa do artesão
11. Rodoviária de Planaltina
12. Complexo Cultural de Planaltina
13. Estádio Adonir José Guimarães
14. Centro Olímpico
15. Academia comunitária
16. Ginásio de Funções Múltiplas
17. Feira de hortifruti
18. *Skate park* da praça do estudante
19. Biblioteca Monteiro Lobato
20. Centro Interescolar de Línguas (CIL)
21. CEP Saúde (Centro de Ensino Profissionalizante)
22. Escola Classe 01 (primeira escola no DF)
23. Campo de grama sintética da quadra 6
24. Instituto Federal de Brasília (IFB)
25. Biblioteca Carolina Maria de Jesus
26. Pedra Fundamental e Morro do Centenário
27. Via Sacra e Morro da Capelinha
28. Vale do Amanhecer
29. Parque dos Pequizeiros
30. Cachoeira do Vale Perdido

Instituições participantes

As instituições indicadas participaram diretamente dos Inventários Participativos ao longo de 2021. Participaram, durante as diferentes etapas dos Inventários, em 2021 e já em 2024, cerca de 100 estudantes, do Ensino Fundamental Anos Iniciais ao Ensino Médio

Associação de Amigos do Centro Histórico
Professor Everson Cordeiro

CEF 02 de Planaltina
Professor Hiago Henrique Lins Smanioto
Professora Izabel de Araújo de Melo Trindade

CEF 03 de Planaltina
Professora Maria Luiza Ramos Engel (9º ano C)

Centro Educacional Stella dos Cherubins
Professora Andréia Nunes Rodrigues dos Reis
Professora Karinne Santana Melo (Anexo da Unidade de Internação de Planaltina – 7º ano A)

Complexo Cultural de Planaltina
Rayane Cristina Chagas Silva

Coordenação Regional de Ensino de Planaltina
Professora Kátia Regina do Carmo Pereira
Professor Gustavo Gonçalves

Escola Classe 01 de Planaltina
Professores Eduardo Damacena da Silva e Maria Neuza Alencar (2º anos C e D)

Escola Classe 03 de Planaltina
Professora Ivana Caldeira de Oliveira

Escola Classe 10 de Planaltina
Professora Shêila Gomes da Silva Barros

Escola Classe Mestre d'Armas
CEM 02 de Planaltina
Professor Leonio Matos Gomes

Iphan
Ana Carolina Lessa Dantas
Márcia Cristina Pacito Fonseca Almeida
Paulo Moura Peters
Sônia Rampim Florêncio
Vinicius Prado Januzzi

Secretaria de Cultura e Economia Criativa
Alessandra Lucena Bittencourt
Beatriz Coroa do Couto
Daniela Zambam Rodolfo
Gersion de Castro

Secretaria de Educação
Fábio da Silva
Inara Bezerra Ferreira de Sousa
Juliana Rocha
Líbia Rany O. Nascimento
Maria Paz Fuenzalida
Samara Korb
Vanessa Nascimento Freitas
Wélcio de Toledo



Referências visuais

p. 22 A saia da Joaquina foi inspirada na obra "Market Woman", de Lady Maria Calcott (sem data), em "Para além do 'Traje de Crioula': um estudo sobre materialidade e visualidade em saias estampadas da Bahia oitocentista", de Aline Oliveira Temerloglou Monteiro, 2012.

p. 29 Foto: Servidores da ESAV [Escola Superior de Agricultura e Veterinária, inaugurada em 1926, futura Universidade Federal de Viçosa (UFV)] retirando mudas de um carro de boi utilizado para transporte.

p. 33 Fotos de Christiano Jr., datadas de 1866.

pp. 42-43 Casarão da Veiga Valle, edifício do século XIX na Cidade de Goiás, transformada em Escola de Artes Plásticas Veiga Valle em 1968.

p. 46 O broche na mochilha do Mateus é uma referência ao RPG (*Role Playing Game*, ou jogo de interpretação de papéis) "Mono", de Jordny Bor.

p. 54 Pintura "Negra Rezando com Terço", de Adrien Henri Vital van Emelen (sem data), retrato de Adelaide Antônia das Dores, a "Vovó do Pito" (1822-1934).

pp. 70-71 Graffitis do Complexo Cultural de Planaltina (fachada e bancos) realizados por: AndGraff, Corujito, Dhos, Didi Colado, Guga Baygon, Iasmim Kali, Karek, Kel, May Bucar, Moll, Mudof, Nabrisa, Neros, Odrus, Onk, Phanton, Scorpia e Vanz.

pp. 74-75 Aeroporto Internacional de Pequim Daxing, projetado pela arquiteta Zaha Hadid.

p. 75 Obras dos(as) artistas planaltinenses: Isabel Cavalcante, João Angelini, Luiz Felipe Vitelli e Instituto Maria do Barro.

p. 76-77 Obras dos(as) artistas planaltinenses: Iasmim Kali, Roberto Kalunga, Dhyego Ataide, Fábio Pena, Severina Gonçalves e Rozeli da Costa Ferreira de Aquino.

p. 83 Trabalho de estudantes realizado durante uma das oficinas no CEM 02 de Planaltina.

pp. 84-85 Carnaval do Bloco Sem Eira nem Beira com participação da Trupe Por um Fio.

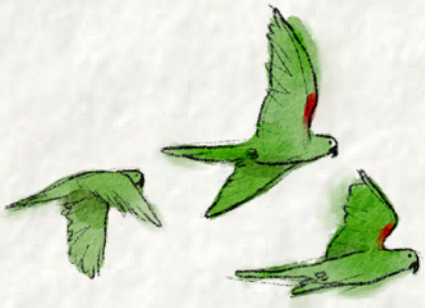
p. 85 Guerra do Flow.

p. 89 Graffiti de "Kel" Raquel Menezes.

p. 92 Trabalho de estudantes realizado durante uma das oficinas no CEM 02 de Planaltina.

Este livro foi composto na fonte Overlock, de Darío Manuel Muhafara, em tamanho 12 e entrelinha de 20,2pt e PeaxDrawnIcons, diagramado no Estúdio Grená, em Planaltina/DF e impresso em papel couchê fosco 150g/m² com tiragem de 2000 exemplares.

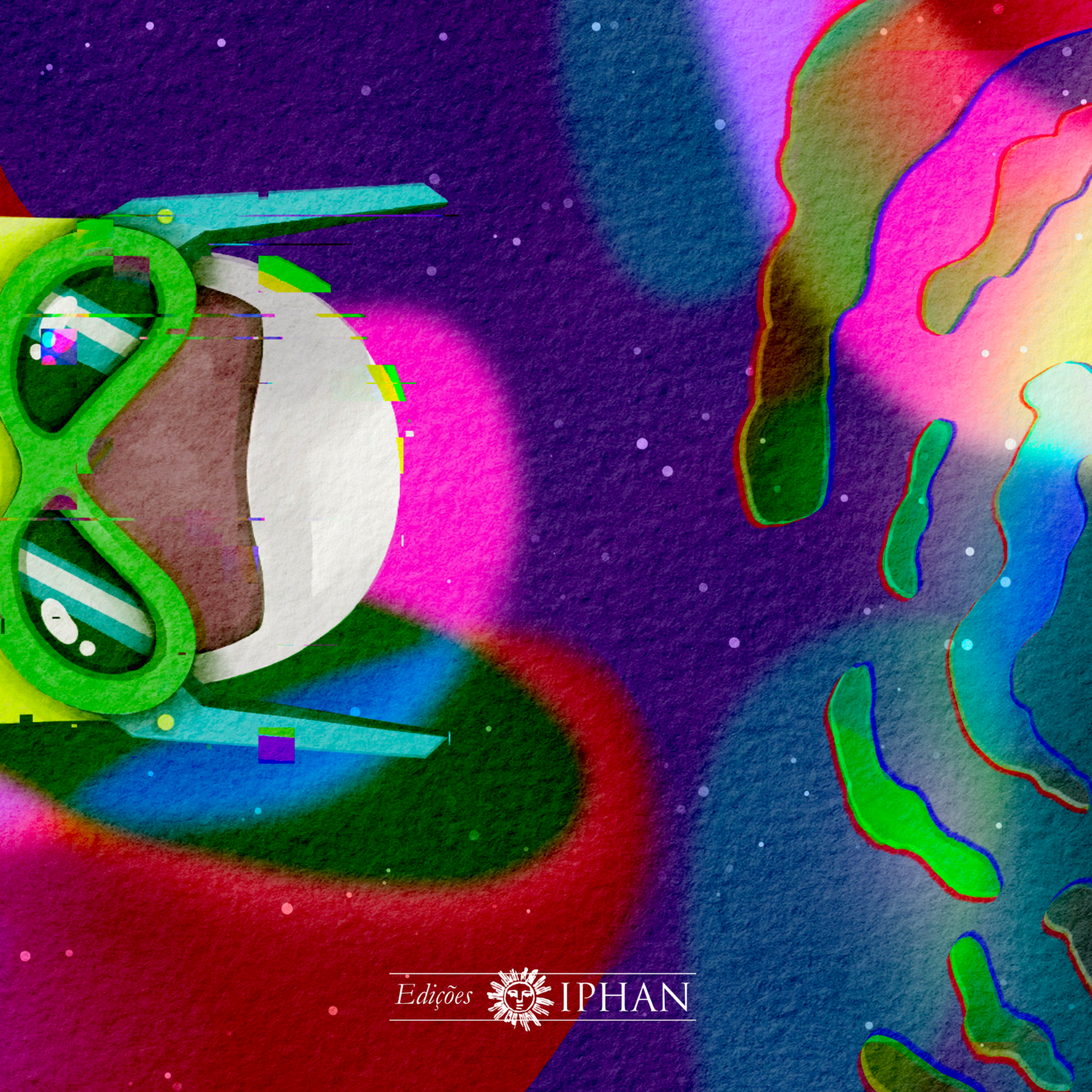
INSTITUTO BRB
Secretaria de Educação
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
IPHAN
MINISTÉRIO DA CULTURA











Edições IPHAN